

## **RELATÓRIO 7 A**

**7ª SESSÃO:** *Jardim do Éden (Paraíso)*, Joana Vasconcelos

5º Ano

(Grupo A)

CBB, 24 Março de 2010

## Índice

	Pág.
<b>RELATÓRIO DA DISCUSSÃO</b>	3
<b>Análise de relevância temática da discussão</b>	5
Leitura das obras	5
Agenda da Discussão	5
Discussão	7
Interpretar	9
Ideia de Labirinto	12
Experienciar a Obra	13
A vida como um caminho	15
<b>Análise de relevância da discussão por género (Crianças-participantes e Adultos)</b>	17
1. Como interpretar o Jardim do Éden enquanto Labirinto?	18
2. O que define um labirinto?	20
3. O que se experiencia através da obra Jardim do Éden (Labirinto)?	22
4. Como comparar a “Vida enquanto Caminho” em relação ao “Caminho que é a Obra”?	26
<b>Análise etnográfica do registo de vídeo</b>	29
<b>Retratos e análise de participação por indivíduo (Crianças-participantes e Adultos)</b>	30
<b>CONCLUSÕES FINAIS</b>	35
<b>REGISTO D CONTROLO</b>	40
Análise da obra e enquadramento no espaço	41
Avaliação da sessão	42
Discussão	43
Observação participante	44
Avaliação da construção de teorias enraizadas	45
Avaliação do processo de pesquisa	46

## RELATÓRIO DA DISCUSSÃO

Os resultados apresentados no presente relatório referem-se a um grupo de 11 crianças-participantes (8 rapazes e 3 raparigas), com idades compreendidas entre os 10 e os 11 anos de idade, e 2 adultos: professor (CONV1) e investigadora (INV), que participaram na Sessão de Filosofia que teve lugar no dia 24 de Março de 2010, com a duração de 1 hora e 9 minutos, no Centro Cultural de Belém (Lisboa). A Sessão foi moderada em parceria pelo professor (CONV1) e a investigadora (INV).

O grupo de crianças-participantes supracitado pertence à turma do 5º ano de escolaridade do ano lectivo 2009/2010 e é constituída por um total de 11 crianças-participantes (8 rapazes e 3 raparigas), sendo que a especificação do grupo mantém-se conforme R1A.

### Procedimentos

O R7A reporta-se à sessão que ocorreu a propósito da exposição intitulada “*Sem Rede*” da artista plástica Joana Vasconcelos, da qual foi seleccionada uma única obra intitulada *Jardim do Éden (Paraíso)*.

A escolha da obra manteve-se em respeito com o pressuposto de manter o protocolo de Matthew Lipman assumido por esta investigação.

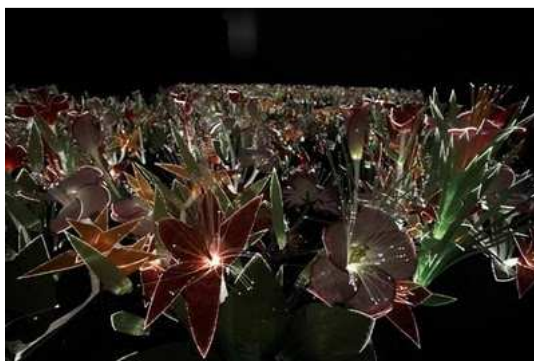


Figura 1 – Joana Vasconcelos, *Jardim do Éden (Paraíso)*, (2010)

A obra em questão (Figura 1) foi observada e experimentada pelas crianças-participantes numa visita prévia realizada no dia 9 de Março de 2010. Para promover e observar a possibilidade comparativa da teoria suscitada pela experiência estética sustentada por uma ligação evidente ou subtil (subordinada à abordagem suscitada nas crianças-participantes), esta obra foi seleccionada tendo em conta a próxima sessão: Bartolomeu Cid dos Santos (Centro Cultural Manuel de Brito), sendo que ambas sessões foram preparadas antecipadamente com a leitura de algumas histórias da obra literária de Jorge Luís Borges *O ALEPH* (1949): “A casa de Astérion” e “Os dois reis e os dois labirintos” e, ainda, a obra *O Livro de Areia*.<sup>1</sup>

Neste enquadramento, a observação e registo do fenómeno alude a um contexto articulado por conveniência teórica que poderá vir a gerar, por influência directa, conceitos e categorias por referência adquiridas empírica ou dialeticamente.

<sup>1</sup> Kodama, Maria. (1989). *Jorge Luís Borges, I Obras Completas 1923-1949*. Lisboa: Editorial Teorema.

A obra em si, ou antes, o modo como esta *instalação* pesa no espaço envolvente - em completa escuridão, obrigou a uma alteração nos pressupostos objectivados para a AERV por carência de qualidade, pelo que, neste R7A, a referida análise não foi considerada.

## ANÁLISE DE RELEVÂNCIA TEMÁTICA

A ARTD resultou da análise da **Agenda da Discussão** (2ª Fase da Sessão) e da **Discussão** (3ª Fase da Sessão) e manteve os objectivos sinalizados no R1A: constituir uma visão de conjunto dos temas lançados na discussão pelas crianças-participantes, numa perspectiva *Grounded theory*.

Esta Sessão 7 A diz respeito a uma obra inserida num espaço restrito à leitura e observação de comportamentos devido à total ausência de iluminação natural ou artificial, tal como já havia sido referido (ver Figura 1). Porém, a riqueza das formulações teóricas de extrema relevância suscitadas pela dualidade de natureza discursiva e comportamental *Obra vs Criança(s)*, obrigou a que se considera-se a análise da mesma.

Na análise do fenómeno em questão manteve-se o mesmo sistema de categorização anteriormente estabelecido: registar a organização natural da própria discussão por fases alternadas ou distintas (Categorização processual); observar a pertinência de um conteúdo-base representativo de um tópico que evidencie uma ideia, conceito ou fenómeno que circunscreva ou auxilie a teoria constituída (Categorização estrutural); investigar e registar os elementos descritivos da(s) obra(s) e que tipos de relações estabelecem entre si (Categorização descritiva); investigar e registar como é que na percepção e experimentação da obra se relacionam estes elementos descritivos, ou seja, como é que se estabelece o fenómeno revelador da experiência estética (Categorização por valorização).

### **Leitura das obras (1ª Fase da Sessão)**

---

A **Leitura das obras** teve a duração aproximada de 33 minutos.

A **Leitura das obras** iniciou-se sem necessidade de esclarecimento sobre os procedimentos uma vez que estes se consideram completamente assimilados. As crianças-participantes experimentaram fisicamente as possibilidades proporcionadas e sugeridas pela própria obra (instalação), isoladas ou em grupo, e apelando à atenção umas das outras para comunicarem elações que tiravam dessa mesma experimentação.

Posteriormente, as crianças-participantes e os facilitadores sentaram-se em local próprio e integrado no espaço que circunscrevia a obra.

Neste momento foi entregue às crianças-participantes o MP4 para registo de som das suas intervenções (e como passa-palavra), que se tornou no principal meio de registo da Sessão, uma vez que os dados recolhidos pela câmara de vídeo para registo de comportamentos ficaram comprometidos devido à escuridão que envolvia o espaço da obra exposta.

### **Agenda da discussão (2ª Fase da Sessão)**

---

A **Agenda de Discussão** foi registada uma duração aproximada de 5 minutos e 56 segundos.

Code: AGENDA DA DISCUSSÃO

Classificação: CATEGORIA PROCESSUAL (teorização activa)

A constituição da **Agenda da discussão** não causou qualquer tipo de constrangimento nas crianças-participantes.

As crianças-participantes apresentaram 5 questões:

- |  |                   |
|--|-------------------|
| 1. Porque é que as flores são fluorescentes?                               | IND 11 (Feminino) |
| 2. O que é que a Joana Vasconcelos queria transmitir quando fez esta obra? | IND 1 (Masculino) |
| 3. Porquê flores e porque não estátuas?                                    | IND 1 (Masculino) |
| 4. Porque é que puseram as flores como um labirinto e não como um jardim?  | IND 3 (Feminino)  |
| 5. Porquê colunas a segurar as flores e não vasos?                         | IND 1 (Masculino) |

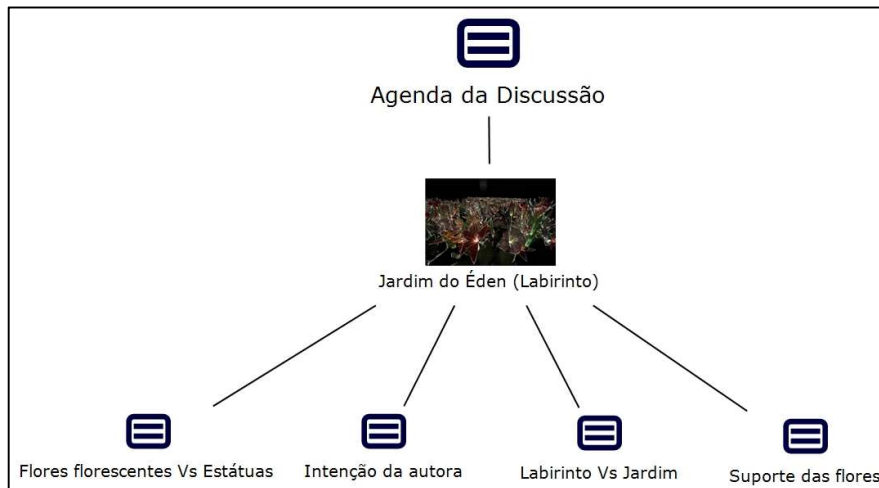


Figura 2 - Agenda da Discussão (Diagrama)

A categoria **Agenda da Discussão** (Figura2) formou-se a partir de 5 questões que evidenciaram o carácter descritivo de interpretação directa dos elementos que se destacam na obra, a intenção da artista e, ainda, a possível relação dos elementos que constituem a obra em associação directa com o significado do próprio título da obra. A estruturação da teoria revelada em análise centralizou-se na subcategoria **Jardim do Éden (Labirinto)**, pois, os conceitos revelados nesta fase inicial evidenciam as associações directas e não desviadas do objecto em reflexão, ou seja, a própria identificação da obra converte-se no suporte estrutural inicial. Assim, a subcategoria **Flores fluorescente Vs Estátuas** (1ª e 3ª Questão) constituiu-se da possível suposição de que um dos elementos constituintes da obra (*flores fluorescentes*) poderia ser tido substituído por outro (*estátuas*); a subcategoria **Intenção da autora** (2ª Questão) constituiu-se da preocupação directa com o que a autora quer transmitir ao observador/participante; a subcategoria **Labirinto Vs Jardim** (4ª Questão) decompõe elementos descritivos físicos associando-os aos elementos nominativas constituintes do próprio título da obra; a subcategoria **Suporte das flores** (5ª Questão) observa a natureza tecnicista dos elementos escolhidos (*colunas*) em detrimento do que seria a escolha por analogia directa (*vasos*).

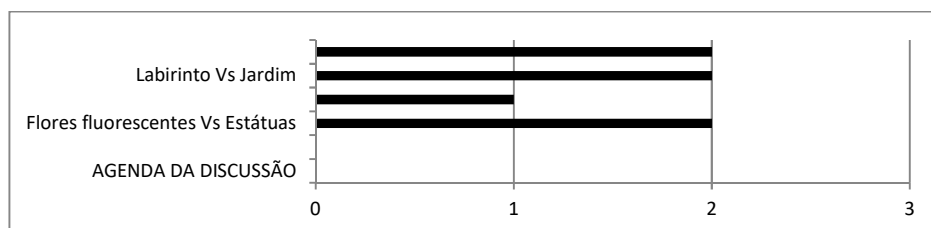


Tabela 1 - Agenda da Discussão (ARTD)

Na ARTD da categoria **Agenda da Discussão** (Tabela 1), a subcategoria **Jardim do Éden (Labirinto)**, tal como havia sido referido, foi constituída apenas como suporte estrutural de um conceito teórico. Assim, nesta ARTD distingue-se uma certa tendência para uma observação descritiva muito associada a uma interpretação funcional que serve um propósito simbólico, sendo que a preocupação pela intenção da autora, prende-se, directamente, ao propósito da obra.

### Discussão (3ª Fase da Sessão)

O registo da **Discussão** verificou uma duração aproximada dos 52 minutos e 6 segundos.

Code: DISCUSSÃO

Classificação: CATEGORIA PROCESSUAL (teorização activa)

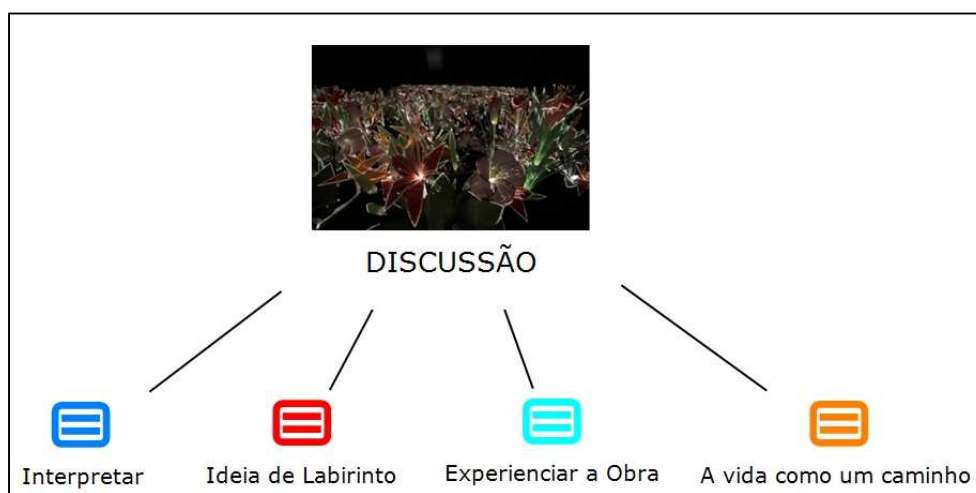


Figura 3 - DISCUSSÃO  
(Diagrama)

A categoria **Discussão** (Figura 3) caracteriza a 3ª Fase da Sessão, ou seja, a discussão propriamente dita. Nesta sessão, a categoria **Discussão** dispõe as suas subcategorias de um modo simples e linear.

Assim, a subcategoria **Interpretar** surge como resposta directa do IND 10 (Masculino) à 4ª questão da IND 3 (Feminino) que argumenta que cada indivíduo pode interpretar a obra como quiser uma vez que as opiniões são inerente àquele que a formula e, ainda, como âmbito proporcionado pela *experimentação* física da obra que possibilita o confronto de diferentes pontos de vista: quando sentadas as crianças-participantes observam a obra apenas ao nível das plantas tornando-se possível identificar um jardim, ou seja, estas são observadas segundo uma perspectiva de continuidade formal; quando erguem a cabeça acima do limite das flores, as crianças-participantes depararam-se com o *labirinto* formado por várias possibilidades de caminhos Ex: "Ó [IND 3] se tu reparares, se te puseres assim, semideitada até parece um jardim!" IND 7 (Feminino).

A subcategoria **Ideia de Labirinto** expõe a estruturação do conceito de *labirinto* através da introdução de exemplos ou de informação adquirida previamente por referência directa há história lida previamente "Os dois reis e os dois labirintos", por referência ao "Livro de Areia" e ao modo como este se constitui, à própria definição da Filosofia que uma vez que não chega a nenhuma resposta última nunca acaba. Tais alusões permitiram a constituição de uma definição mais fechada que assegurasse as particularidades de um *labirinto*.

A subcategoria **Experienciar a Obra** define-se como o advir de uma experiência que se sente, de uma reflexão sobre as percepções sensitivas Ex: "Tentar descobrir como é o labirinto, a forma dele. Eu quando cheguei cá queria logo saber se havia aqui um degrau ou não porque como estava muito escuro parecia que estava aqui um degrau, queria saber qual era a estrutura do labirinto..." IND 8 (Masculino); que rapidamente obrigou à reflexão de qual seria a *intenção da autora* (questão já reiterada noutras sessões por este grupo A); e, ainda, à observação e experimentação do possível *caminho* a escolher sendo que este é formado por *flores iluminadas* que definem contornos que permitem perceber como se forma o labirinto na *obscuridade* do ambiente, que envolve e que penetra directamente na experiência e no significado oculto da instalação.

A subcategoria **A vida como um caminho** estrutura um conceito alargado proposto à reflexão e à discussão pela intervenção do CONV 1 "Então, em função àquilo que me disseste, se pensarmos na nossa própria vida como um caminho, como é que vocês comparariam o caminho que é a vida com este caminho que têm aqui? Eu estou a partir da explicação da Ísis, porque com base no que ela disse nós aqui caminhamos, não vemos os caminhos, mas conseguimos caminhar porque temos os limites que constroem o nosso caminho. Eu estou a perguntar, se pensarmos na vida com um caminho, se fazemos o caminho da mesma maneira ou de outra?" e que revelou, a noção de *caminho*, como sujeita a várias possibilidades de *escolha* que, por sua vez, aquele que escolhe o caminho torna-se responsável pelas consequências dessa mesma escolha. Assim, a escolha de um caminho tem de ser assumido como um acto consciencioso que antevê a probabilidade das consequências e não por influência de outrem. Neste o contexto estruturado pela subcategoria **A vida como um caminho** surge uma 2ª opinião que define o labirinto como sendo uma analogia da própria vida Ex: "Eu acho que não somos nós que construímos o nosso labirinto mas sim, nós percorremos um labirinto na nossa vida, que é por exemplo: estamos a fazer um teste e quando estamos a fazer um teste é como se chegássemos a uma parte do labirinto que tem vários caminhos: o caminho de te esforçaste para fazer o teste, o caminho de não te esforçares porque não queres fazer o teste ou até mesmo copiar, e tu escolhes um, e depois a partir do outro poderás ter mais, que terá consequências e eu acho que os caminhos são escuros porque não saberás o que lá vai estar se fizeres isso. Por exemplo: se escolheres copiar, poderás ser apanhado, se escolheres esforçares-te pouco poderás ter má nota, se decidires fazer nada terás a pior nota possível porque não fizeste o teste e se esforçares-te muito poderás vir a ter um teste bom. Por isso, a vida não és tu a construíres o teu labirinto mas sim um labirinto é a tua vida." IND 8 (Masculino).

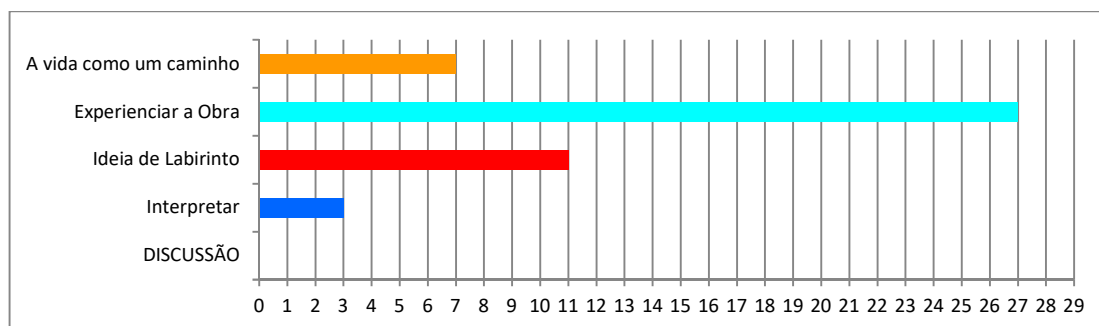


Tabela 2 - DISCUSSÃO  
(ARTD)

No quadro de ARTD (Tabela 2), cumpre-se a categoria **Discussão** como constituída segundo a natureza do seu carácter estritamente processual (3ª fase da Sessão). Neste contexto, pode-se ainda verificar, no que diz respeito ao seu grau de

relevância, que a subcategoria **Experienciar a Obra** se distingue manifestamente das restantes subcategorias que apresentam graus de relevância muito próximos entre si e, ainda mais destoantes com a subcategoria **Interpretar**.

Apesar do acima referido é de salientar que os conteúdos conceptuais que estruturam as subcategorias **Ideia de Labirinto**, **A vida como um caminho** e **Interpretar**, apresentam-se de igual modo pertinentes e reveladores para a sustentabilidade das formulações teóricas que proporcionaram argumentações de natureza abstracta no culminar da discussão.

## Interpretar

Code: DISCUSSÃO \ Interpretar

Classificação: SUBCATEGORIA 1 - Categorização descritiva e Categorização por valorização

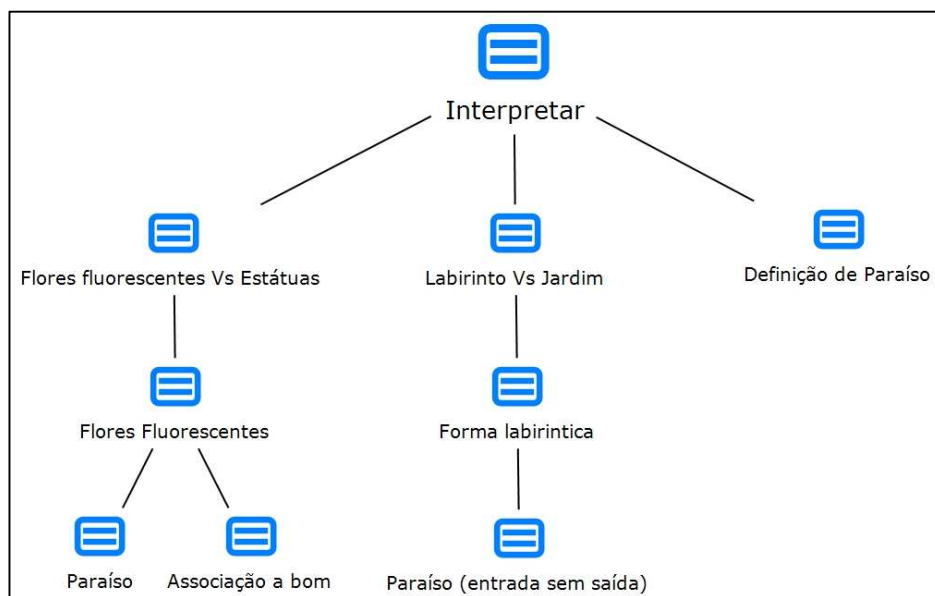


Figura 4 – Interpretar (Diagrama)

A subcategoria **Interpretar** (Figura 4) apresenta uma estrutura complexa e densa, como já havia sido assinalado, surge como resposta directa do IND 10 (Masculino) à 4ª questão da IND 3 (Feminino) que argumenta que cada indivíduo pode interpretar a obra como quiser uma vez que cada um tem direito à sua própria opinião “[IND 3], eu interpreto isto não só como um labirinto mas também como um jardim. As pessoas podem interpretar isto como quiserem. Tu achas que é um labirinto, eu acho que é um jardim, cada um pode ter as suas opiniões”. Esta intervenção conduziu de imediato o espaço dialéctico à defesa do *observar* e *experimentar* a obra fisicamente que, por sua vez, facilita o confronto directo com os possíveis e diferentes pontos de vista.

A subcategoria **Interpretar** prolonga-se ainda nas seguintes subcategorias que a estruturam:

- **Flores fluorescentes Vs Estátuas** agrega argumentações que se tomam como possíveis subquestões da 3ª Questão da **Agenda da Discussão** e que potencializam elementos anunciados como associados à *intenção da autora*, a *escolha de flores* e a *hipótese de outra escolha* (estátuas e/ou vasos) Ex: "Isto não é bem uma resposta, a resposta do [IND 1]. A pergunta essencial é, a segunda, o essencial dessa pergunta é porque é flores ou porque não estátuas. Se for porquê flores temos uma resposta diferente, porque não vasos, temos ainda [outra] resposta diferente. " IND 4 (Masculino). A abertura às várias

possibilidades de resposta originou a necessidade de intervenção dos facilitadores: o CONV1 questiona directamente o IND 1 para verificar se os fundamentos da intervenção anterior tinham sido esclarecedores das possibilidades de resposta e após resposta de IND 1, o facilitador fecha aparentemente o assunto, porém, a discussão desencadeia-se, por associação continua, na direcção do significado de *Jardim do Éden*, oportunidade observada pela INV que reaviva a questão da *escolha de flores* e que desencadeia um retorno a uma definição mais extensa desta possível arbitrariedade. Assim, a subcategoria **Flores fluorescente** acentua e retoma a pertinência da 1ª Questão Ex: "(...) Eu acho que eles escolheram! Porque é que as flores são fluorescentes? Porque se as flores não fossem fluorescentes não se viam, teriam de iluminar a sala (...)." IND 6 (Masculino). Por sua vez, esta intervenção alarga a esteira conceptual da questão inicial ao referir o modo como o espaço em que a instalação está inserida está iluminado e que tipos de alterações poderiam ocorrer se este fosse alterado porque, assim, tal como estão, as flores sobressaem: "(...) mas eu acho que sobressai, destacar as flores se [a sala] estiver escura e as flores iluminadas e não, as flores não iluminadas e a sala iluminada.". A subcategoria **Paraíso** surge como resposta à instigação da INV que coloca a hipótese de um espaço envolvente oposto ao oferecido pela instalação, ou seja, iluminar a sala e povoá-lo de flores pretas, que suscita intervenção imediata da IND 7 (Feminino) que recorda de que se trata do *paraíso*: "Além disso é o Paraíso!", e da intervenção sucessiva do IND 6 (Masculino) que frisa a questão de a instalação ser uma referência ao Paraíso, pelo que este associa as *flores* a *paraíso* e ambos os conceitos a *bom* "(...) Porque as flores são muito uma associação ao bonito, ao bom. Uma casa com flores é uma casa bonita, é uma boa casa, normalmente, e por isso é que eles escolheram as flores para o paraíso: paraíso é bom, flores, é bom!";

- **Labirinto Vs Jardim** sustenta-se nas consequências conceptuais que a intervenção do CONV1 suscitou quando questiona o significado do título da obra tendo assumido de imediato o esclarecimento do mesmo: "Jardim do Éden: Éden é o nome de um jardim, e o Jardim do Éden é o nome que na Bíblia se dá ao Paraíso, onde viviam inicialmente Adão e Eva. E ela [Joana Vasconcelos] chama a esta obra Jardim do Éden (Labirinto)". Ainda assumindo o encadeamento deste contexto, o CONV 1 acentua a pertinência do assunto em aberto "Então porque é que ela, entre parêntesis, chama a esse Paraíso de labirinto?" e que se observa, numa primeira análise na **Forma labiríntica** que a instalação apresenta Ex: "Porque está numa forma labiríntica." IND 9 (Masculino). O CONV 1 instiga a uma maior acuidade argumentativa para o que está em causa e refere que a forma labiríntica é uma interpretação da autora, que o propósito será paralelo ao suscitado pela 4ª Questão da **Agenda da Discussão** "Isso é a interpretação dela, já estamos a falar da obra. O que quererá ela dizer com isso? Tem a ver com a questão levantada em primeira mão pelo IND 1.". A intervenção insistente do CONV 1, que remete a questão para a leitura individual da própria obra, estende-se à subcategoria **Paraíso (entrada sem saída)** que suscitou intervenções enraizadas numa estruturação conceptual que havia sido nutrida anteriormente e que aguardava por uma estruturação dialéctica Ex: "Eu acho que ela põe entre parêntesis labirinto, porque quando tu vais ao paraíso já não podes sair do paraíso, ficas lá, para lá." IND 8 (Masculino). As argumentações acesas acentuam-se baseadas em potenciais circunstâncias, ou seja, à ideia que não há quem queira sair do paraíso contrapõe-se a impossibilidade do contrário Ex: "Não é não queres, não podes mesmo sair!" IND 8 (Masculino) porque ninguém pode voltar à Terra, porque ninguém regressou nem do Paraíso nem do Inferno. Neste contexto o CONV1 questiona se há referência de alguém ter ido para o Paraíso, o que surtiu resposta imediata: "Jesus, sim!" IND 1 (Masculino). Mas a questão manteve-se latente na ideia ambivalente que referência o título da obra Ex: "Eu acho que escolher o labirinto é assim: o paraíso é uma coisa boa, como eu disse da outra vez, mas por exemplo, qual é outra coisa que nós também achamos bom? Nós achamos bom estar a comer um chocolate, mas estares sempre a comer chocolate acaba por

não ser bom, é enjoativo. Se tu estás no paraíso é uma coisa boa, mas estar todos os dias no mesmo paraíso, a passar pelos mesmos sítios, também começa a faltar e tu começa a querer sair e é difícil, por isso é que está num labirinto!” IND 6 (Masculino);

- **Definição de Paraíso** sustenta-se numa única intervenção da IND 3 (feminino) que surge algo deslocada deste primeiro momento da **Discussão**: “Alguns labirintos como o Livro de Areia, esse Paraíso é um bocadinho isto, talvez. Eu associo-os um bocado a não conseguirmos sair de lá por causa do vício. Porque no Livro de Areia está-se sempre a descobrir coisas novas. O Paraíso, como o descrevem, eu acho que não sei se muitas pessoas quererão sair de lá e estas flores têm assim qualquer coisa de bonito mas especial, e eu associo isso um bocado ao querer ficar, ao querer olhar, querer agarrar, querer mexer.”. Em suma, numa observação subsequente pode-se considerar que a apreciação da obra, pelo contínuo (re)descobrir da mesma, vicia, obriga à presença (não sei se muitas pessoas quererão sair de lá), e o belo (as flores) alimentam esse vício que aqui se declara inquestionavelmente como o enunciado da experiência estética (eu associo isso um bocado ao querer ficar, ao querer olhar, querer agarrar, querer mexer).

No que diz respeito a intersecções (Figura 4) não se verificam quaisquer ligações internas ou externas.

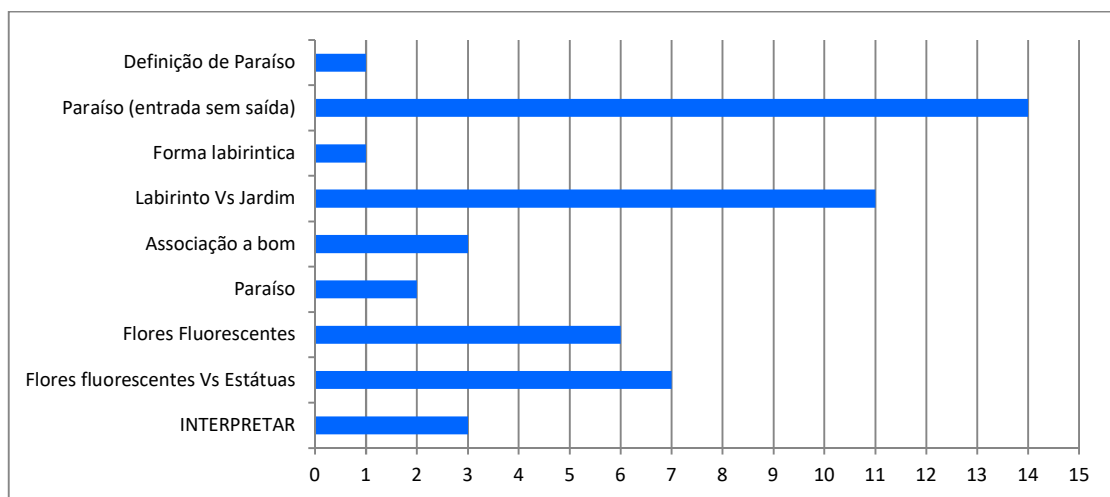


Tabela 3 – Interpretar (ARTD)

Na ARTD da subcategoria **Interpretar** (Tabela 3) esta apresenta um grau de relevância baixo, porém, estende-se:

- à subcategoria **Flores fluorescentes Vs Estátuas** com um grau de relevância médio, seguida de muito próximo pela subcategoria **Flores Fluorescentes**, e ainda pelas subcategorias **Paraíso** e **Associação a bom** com graus de relevância baixo;
- à subcategoria **Labirinto Vs Jardim** com um grau de relevância alto, mas que, por sua vez, se estende à subcategoria **Forma labirintica** com uma relevância diminuta e esta à subcategoria **Paraíso (entrada sem saída)** com um grau de relevância elevado;
- à subcategoria **Definição de Paraíso** diminuto (mas pertinente pela teoria que circunscreve).

## Ideia de Labirinto

Code: DISCUSSÃO \ Ideia de Labirinto

Classificação: SUBCATEGORIA 1 - Categorização descritiva e Categorização teórica

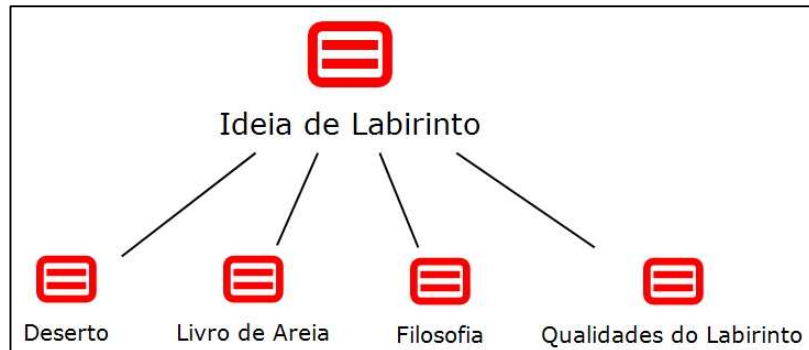


Figura 5 – Ideia de Labirinto (Diagrama)

A construção do conceito de **Ideia de Labirinto** (Figura 5) apresenta uma estruturação simples, contudo, acabou por abarcar várias tipologias de exemplificação: a construção o conceito de **Deserto** suscitado por leituras prévias (A casa de Astérion; Os dois reis e os dois labirintos) com referência específica ao **Livro de Areia**; a abordagem directa à própria **Filosofia** Ex: “A filosofia nunca mais acaba... não se chega a nenhuma resposta!” IND 8 (Masculino), e que naturalmente, no seu conjunto próximo mas conceptualmente dilatado, conduziu à necessidade de definição mais específica das **Qualidades do Labirinto**: tem saída mas é difícil encontrá-la, impossibilidade de permanência, atrai como uma armadilha e pode levar à loucura Ex: “Fica louca porque começa a pensar que isto aqui é outro caminho igual, que está tudo a ficar igual, está tudo a repetir-se, é sempre o mesmo nunca há nada diferente, é sempre a mesma coisa, começa a ficar tipo louca a pensar: - É mesmo uma coisa que nunca vou conseguir...!, não se mata mas morre por loucura, começa a ficar doida, ou então, como é tudo diferente ainda é pior, nunca sabes...” IND 8 (Masculino).

No que diz respeito a intersecções (Figura 5) não se verificam quaisquer ligações internas ou externas.

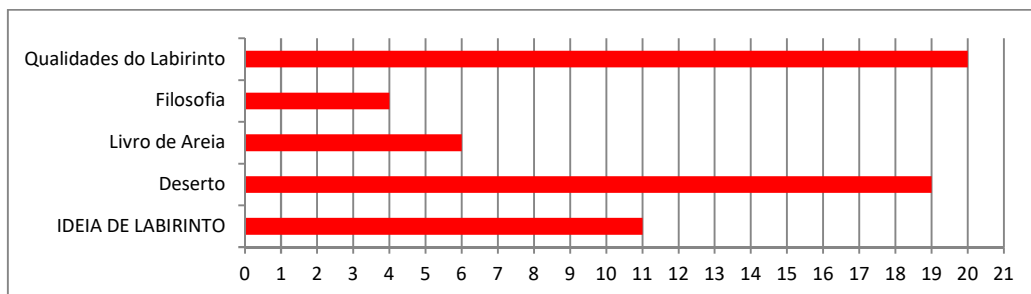


Tabela 4 – Ideia de Labirinto (ARTD)

Na ARTD da subcategoria **Ideia de Labirinto** (Tabela 4) esta apresenta um grau de relevância médio que por sua vez estende-se às subcategorias:

- **Deserto** com um grau de relevância elevado;
- **Livro de Areia** com um grau de relevância baixa;
- **Filosofia** de relevância média-baixa (mas pertinente pela teoria que circunscreve);
- **Qualidades do Labirinto** que apresenta uma relevância elevada.

## Experienciar a Obra

Code: DISCUSSÃO \ Experienciar a Obra

Classificação: SUBCATEGORIA 1 - Categorização descritiva e Categorização por valorização

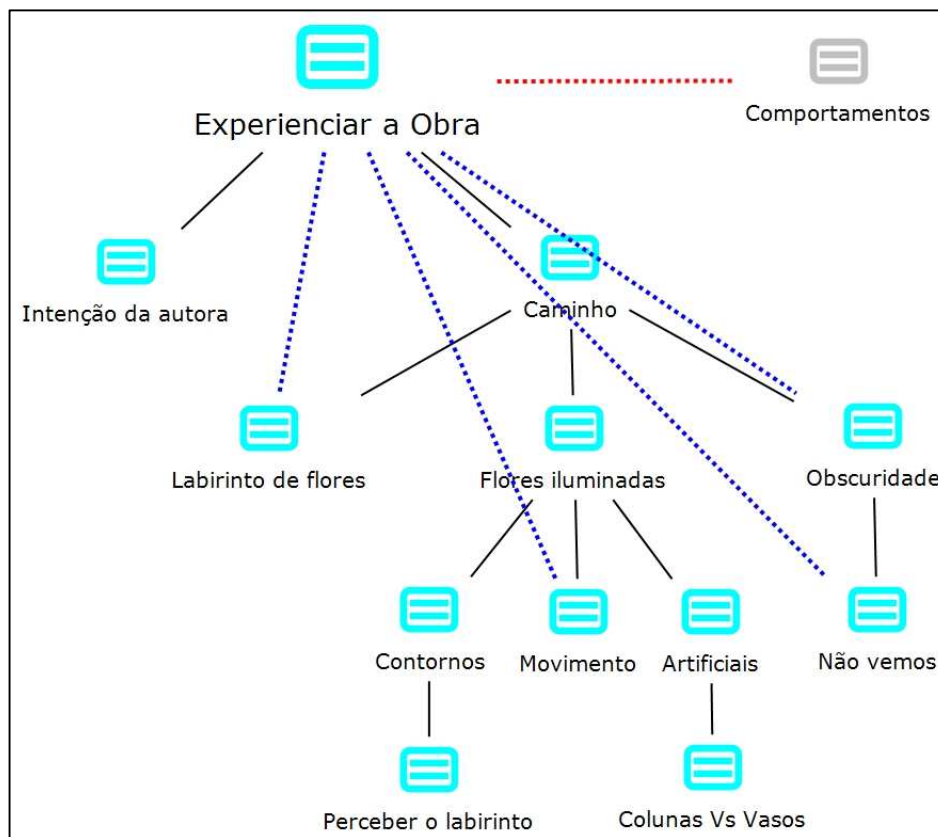


Figura 6 – Experienciar a Obra  
(Diagrama)

A subcategoria **Experienciar a Obra** (Figura 6) que apresenta uma estrutura densa e complexa, deduz um conceito activo que determina a acção proveniente de uma experiência que se sente, e da reflexão sobre essas mesmas percepções sensitivas Ex: "Tentar descobrir como é o labirinto, a forma dele. Eu quando cheguei cá queria logo saber se havia aqui um degrau ou não porque como estava muito escuro parecia que estava aqui um degrau, queria saber qual era a estrutura do labirinto..." IND 8 (Masculino); que rapidamente obrigou à reflexão de qual seria a **Intenção da autora** associada ao ardil perceptivo que esta pretendeu criar; à observação e experimentação do possível **Caminho** a ser escolhido e formado por um **Labirinto de flores iluminadas** Ex: "Tu queres parar mas não queres porque é bom, sabe bem. Aqui pode ser mais ou menos a mesma coisa, tu estás a andar pelos caminhos escuros e só vês as flores, tu queres sair mas estás maravilhado com o mundo de flores que está à tua volta e por isso não queres sair porque estás a gostar." IND 6 (Masculino), **Flores iluminadas** que definem

**Contornos** que permitem perceber como se forma o labirinto, às quais foi emprestado um mecanismo de **Movimento** que lhes confere a função simbólica de vida, apesar de serem **Artificiais** Ex: "Não, e depois vai mudando e muda o aspecto da própria flor. Isto podia-se dizer que é um labirinto que não muda de estrutura mas muda de vegetação... ficar de outra cor e isso." IND 3 (Feminino). Neste contexto surge a questão da **Obscuridade**, tida como *assustadora* pelo IND 8 (Masculino), que envolve toda a obra e que faz parte do seu artifício uma vez que limita a possibilidade de observação, caracteriza o que **Não vemos** Ex: "Acho que é uma intenção porque quando estás num labirinto não vez os caminhos, não sabes onde estão os caminhos... mas vais seguindo os caminhos sem os ver. Por exemplo: está aqui um labirinto com as paredes grandes, está aqui uma grande parede não vejo o caminho todo mas, aqui está baixo, como eu vejo aqui o caminho mas é como se estivesse aqui uma parede que não desse para ver o caminho... é um bocado confuso!" IND 8 (Masculino).

No que diz respeito a intersecções (Figura 6) verificam-se algumas ligações internas e uma particularmente interessante porque está associada aos registos de **comportamentos** (que assinala apenas fenómenos comportamentais relevantes) associados à apreciação direta da obra que, nesta sessão, se revelaram pertinentes à construção teórica de categorização por valorização.

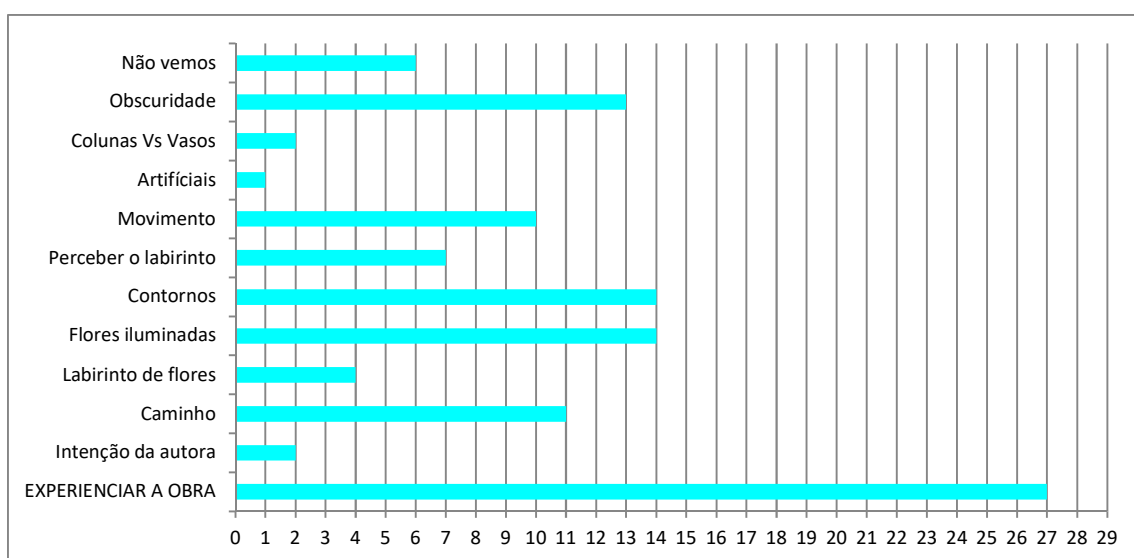


Tabela 5 – Experienciar a Obra (ARTD)

Na ARTD a subcategoria **Experienciar a Obra** (Tabela 5) apresenta uma relevância elevada e destacada das demais que se estende-se às subcategorias:

- **Intenção da autora** com registos de relevância diminuta, contudo, pertinentes;
- **Caminho** que neste contexto apresenta uma relevância média-baixa mas com uma amplitude evidente na qual se destaca:
  - a subcategoria **Labirinto de flores** de relevância baixa;
  - a subcategoria **Flores iluminadas** com relevância média e que por sua vez se estende às subcategorias:
    - a subcategoria **Contornos** com grau de relevância média, que se estende à subcategoria **Perceber o Labirinto** com um grau de relevância baixo;
    - a subcategoria **Movimento** apresenta uma relevância média-baixa;

- a subcategoria **Artificiais** de relevância diminuta, que se estende à subcategoria **Colunas Vs Vasos** com um grau de relevância diminuto;
- a subcategoria **Obscuridade** com relevâncias médias;
- a subcategoria **Não vemos** com um grau de relevância baixo.

### A vida como um caminho

Code: DISCUSSÃO \ A vida como um caminho

Classificação: SUBCATEGORIA 1 - Categorização descritiva e Categorização por valorização

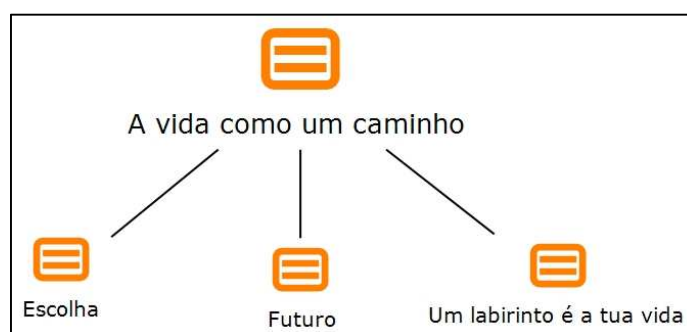


Figura 7 – A vida como um caminho (Diagrama)

A subcategoria **Vida como um caminho** (Figura 7), que apresenta uma estrutura simples, surge apenas no final da **Discussão** como um conceito alargado proposto para reflexão pelo CONV 1: "Então, em função àquilo que me disseste, se pensarmos na nossa própria vida como um caminho, como é que vocês comparariam o caminho que é a vida com este caminho que têm aqui? Eu estou a partir da explicação da [IND 3], porque com base no que ela disse nós aqui caminhamos, não vemos os caminhos, mas conseguimos caminhar porque temos os limites que constroem o nosso caminho. Eu estou a perguntar, se pensarmos na vida com um caminho, se fazemos o caminho da mesma maneira ou de outra.", ou seja, a questão surge como uma preocupação sensível à assimilação e elevação das narrativas hipotéticas que se pretende associar por transferência teórica aos registos percebidos de leitura da obra.

Este *caminho* é entendido como estando sujeito a várias possibilidades de **Escolha** Ex: "É assim, como a minha mãe está sempre a dizer isto: há vários atalhos que nós podemos chegar de uma maneira mais fácil, um é mais difícil. Um resultado de matemática, nós vamos passar por várias contas para chegar aquele resultado, ou então, podemos fazer de uma maneira ou de outra, uma maneira mais fácil ou uma maneira mais difícil. Aqui como estamos a ir para aqui, eu estava a dizer ao [IND 5]: "[IND 5], vem para aqui isto é um atalho, olha para aqui, podemos ir para aqui que vamos dar ao mesmo lado que a [INV] e o [CONV1] estavam a fazer mas sempre em frente, mais fácil, do que curvas!" IND 1 (Masculino), porém, o *labirinto*, pode surgir como consequência directa das escolhas pessoais pelo que, o próprio é responsável pelos *caminhos que escolhe na vida* Ex: "Eu acho que em relação à vida somos nós que construímos o nosso labirinto e somos nós que pelas nossas opções, pelas nossas escolhas, o fazemos mais complexo ou mais difícil do que mais fácil, e é como nós queremos lá chegar, é como se fossemos nós a fazer este labirinto e somos nós que escolhemos os caminhos na nossa vida. Aqui já não!" IND 3

(Feminino), sendo assim, à que assumir-se a escolha enquanto um acto *conscioso e não por influência* Ex: "São escuros porque nós não vemos o futuro e nós também podemos prevenir ou arriscar e podemos optar avançar pela solução mais fácil ou aventurarmo-nos por outra, devemos é ter sempre consciência do que fazemos, que não somos influenciados, podemos ser influenciados mas que não fazemos isto porque o outro disse não sei quê!" IND 3 (Feminino), passível de se *prever*, subordinando-se às *probabilidades*.

A ideia da probabilidade, adjacente às escolhas que fazemos perante o que não se vê, promove a introdução do conceito de **Futuro** incerto Ex: "São escuros porque nós não sabemos bem o futuro, não é..." IND 3 (Feminino). Surge então uma 2ª opinião que decreta **Um labirinto é a tua vida** Ex: "Eu acho que não somos nós que construímos o nosso labirinto mas sim, nós percorremos um labirinto na nossa vida, que é por exemplo: estamos a fazer um teste e quando estamos a fazer um teste é como se chegássemos a uma parte do labirinto que tem vários caminhos: o caminho de te esforçaste para fazer o teste, o caminho de não te esforçares porque não queres fazer o teste ou até mesmo copiar, e tu escolhes um, e depois a partir do outro poderás ter mais, que terá consequências e eu acho que os caminhos são escuros porque não saberás o que lá vai estar se fizeres isso. Por exemplo: se escolheres copiar, poderás ser apanhado; se escolheres esforçar-te pouco, poderás ter má nota; se decidires fazer nada terás a pior nota possível porque não fizeste o teste e se esforçares-te muito, poderás vir a ter um teste bom. Por isso, a vida não és tu a construíres o teu labirinto mas sim um labirinto é a tua vida." IND 8 (Masculino).

O curto período de tempo em que se desenvolveram os conceitos inscritos nesta subcategoria não foi impedimento para que estes se organizassem contrapondo e/ou alargando conceitos anteriormente adquiridos, através da percepção e experimentação da obra, com intervenções de natureza abstraccionista que relaciona e alarga o âmbito dos conceitos, provando mesmo, a possibilidade de cruzamento de estruturas verbais de modo a permitir uma maleabilidade teórica desses mesmos conceitos abordados.

No que diz respeito a intersecções (Figura 7) não se verificam quaisquer ligações internas ou externas.

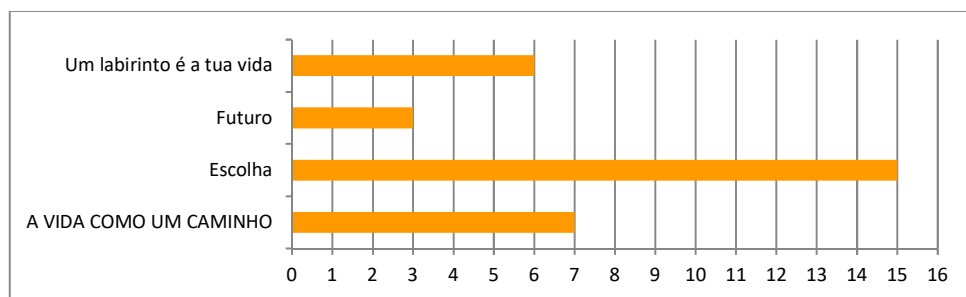


Tabela 6 – A vida como um caminho (ARTD)

Na ARTD a subcategoria **Vida como um caminho** (Tabela 6) apresenta uma relevância média. A subcategoria **Vida como um caminho** estende-se ainda à subcategoria **Escolha** apresenta registos de relevância elevada; à subcategoria **Futuro** que apresenta um grau de relevância baixo; e a subcategoria **Um labirinto é a tua vida** de relevância média.

## ANÁLISE DE RELEVÂNCIA DA DISCUSSÃO POR GÊNERO (Crianças-participantes e Adultos)

A ARDG do R7A manteve o protocolo proposto no R1A. A ARDG trata de um tipo de análise mais fechada que se desenvolveu a partir da análise dos interesses temáticos revelados na ARTD de modo a possibilitar que se constituam as questões de referência (Figura 14).

A ARDG (Crianças-participantes) do R7A mantém os mesmos parâmetros metodológicos delineados e apresentados no R1A, pelo que, apenas incide nos comentários e argumentos mais relevantes das crianças-participantes para as questões de referência. A ARDG (Adultos) das intervenções da INV e do CONV1 foram de igual modo consideradas separadamente, por serem adultos.

Tal como no R1A, a ARDG da Sessão 7 A permitiu que se constituísse o RAPI (Crianças-participantes) e RAPI (Adultos) de cada um dos indivíduos considerados.

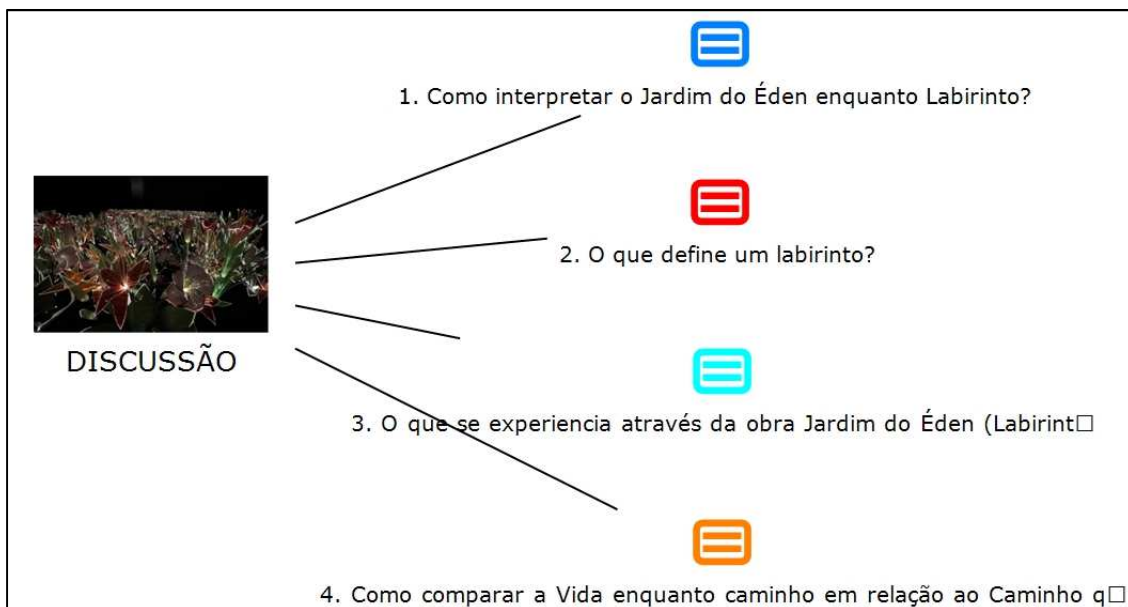


Figura 8 – Questões de Referência  
(Diagrama)

Na Sessão 7 A a ARDG (Crianças-participantes e Adultos) (Figura 8) considera as seguintes questões:

1. **Como interpretar o Jardim do Éden enquanto Labirinto?** emerge da dinâmica sinalizada na **Discussão** através da resposta directa do IND 10 (Masculino) à 4ª Questão proposta pela IND 3 (Feminino) quando firma a validade de qualquer interpretação individual da obra. Esta premissa abriu a possibilidade do CONV1 inquirir sobre as possíveis concepções individuais associadas à suposta ambivalência de o *Paraíso* ser considerado como um *labirinto*;
2. **O que define um labirinto?** equilibra e estreita a teoria que referência a questão anterior que, pelo seu antagonismo conceptual, almejava por uma estruturação do conceito de *labirinto* mais fechada e próxima de um conceito adquirido. É de referir que esta questão também permitiu indagar os possíveis efeitos da preparação prévia da sessão

(através da visita que a antecedeu e da leitura de textos focados na temática), se estes se apresentam enquanto fenômenos de apropriação;

3. **O que se experiencia através da obra Jardim do Éden (Labirinto)?** permitiu averiguar como se cumpre a passagem à oralidade dessa verificação vivenciada do próprio corpo, inserido e em movimento, por entre o corpo da obra (porque se trata de uma instalação que almeja esse mesmo princípio), e de abordar esse sentido da *espera* aquando da pausa reflexiva (momento ou instante) que focaliza a vivência com a obra e na obra;
4. **Como comparar a “Vida enquanto Caminho” em relação ao “Caminho que é a Obra”?** surge como questão que incita a uma abordagem focada e conceptual dos conceitos abordados durante toda a **Discussão** através da associação de conceitos qualitativos estruturantes e que são: *caminho*, *limites/contornos*, e *obra*. Estes conceitos, alargados ao *sentido da vida*, permitiram redireccionar a passagem da percepção vivencial para a construção narrativa, porém, de teor abstracto, ou seja, referenciando os conceitos em desdobramentos dialécticos que os deslocam da sua natureza primeira - a percepção vivencial. Esta questão emerge na fase final da **Discussão**, num curto período de tempo, quiçá, a título de conclusão.

## 1. Como interpretar o Jardim do Éden enquanto Labirinto?

---

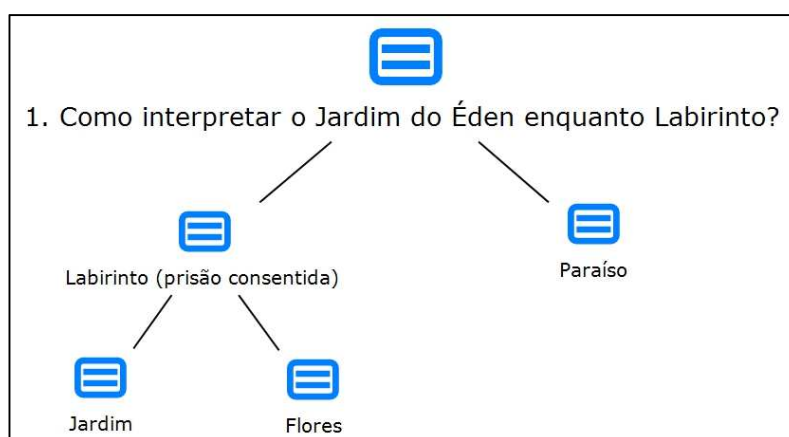


Figura 9 – 1. Como interpretar o Jardim do Éden enquanto Labirinto? (Diagrama)

A questão **1. Como interpretar o Jardim do Éden enquanto Labirinto?** (Figura 9) apresenta uma estrutura simples. Ao declarar-se noção de *interpretação* como um acto aberto inerente ao indivíduo que enuncia (ver pág. 9), a intervenção da IND 3 destaca-se como aquela que melhor integra esta noção e a conjuga com o conceito de **Labirinto** assumindo-o enquanto *prisão consentida*: aquele que acede ao **Jardim do Éden** sente-se *preso* (querer ficar) pelo *vício* (desejo) do *belo* ou proporcionado pelo *belo*, efeito associado às **Flores** Ex: "(...) eu associo isso um bocado ao querer ficar, ao querer olhar, querer agarrar, querer mexer." IND 3 (Feminino). Surge, ainda, a depuração do conceito estruturado pela subcategoria **Paraíso** que se toma como um *local* ao qual se acede *não por escolha própria* mas como consequência inevitável da morte, e da inevitável permanência no mesmo “Porque ninguém voltou” IND 1 (Masculino) ou porque “(...) quando se morre, ou vais para o paraíso ou vais o para o inferno. Se fores para o paraíso não podes sair do paraíso.” IND 8 (Masculino).

No que diz respeito a intersecções (Figura 9), não se verificam quaisquer ligações internas ou externas.

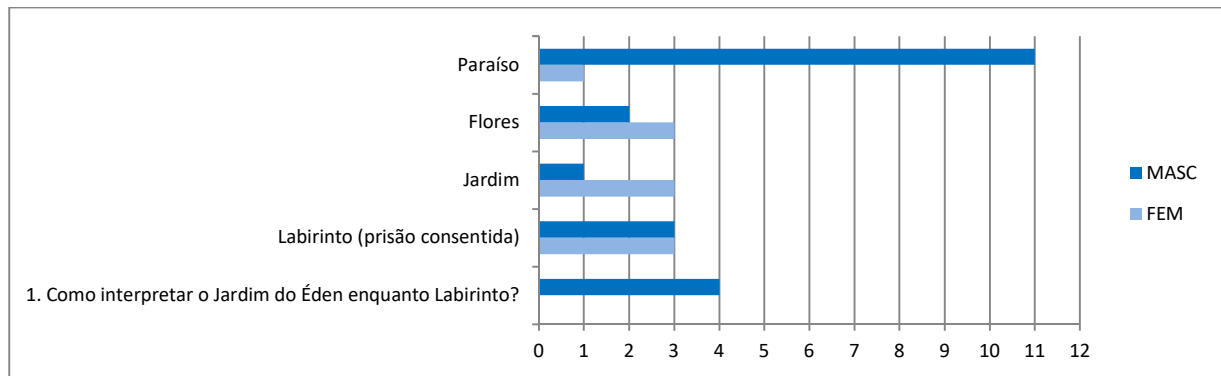


Tabela 8 – 1. Como interpretar o Jardim do Éden enquanto Labirinto?  
(ARDG - Crianças-participantes)

A ARDG (Crianças-participantes) apresenta a questão **1. Como interpretar o Jardim do Éden enquanto Labirinto?** (Tabela 8) com uma relevância baixa e apenas para o género masculino que, enquanto extensão discursiva possibilitou a estruturação das subcategorias subsequentes.

Assim, a questão **1. O que está representado na Obra?** estende-se à subcategoria **Labirinto (prisão consentida)** com um grau de relevância muito baixo para ambos os géneros, que por sua vez se prolonga às subcategorias **Jardim** com uma relevância muito baixa para o género feminino e diminuta para o género masculino, e **Flores** com uma relevância muito baixa para ambos os géneros. A mesma questão estende-se ainda à subcategoria **Paraíso** com um grau de relevância elevado para o género masculino e diminuto para o género feminino.

A relevância é qualificada unicamente para o contexto circunscrito por esta questão.

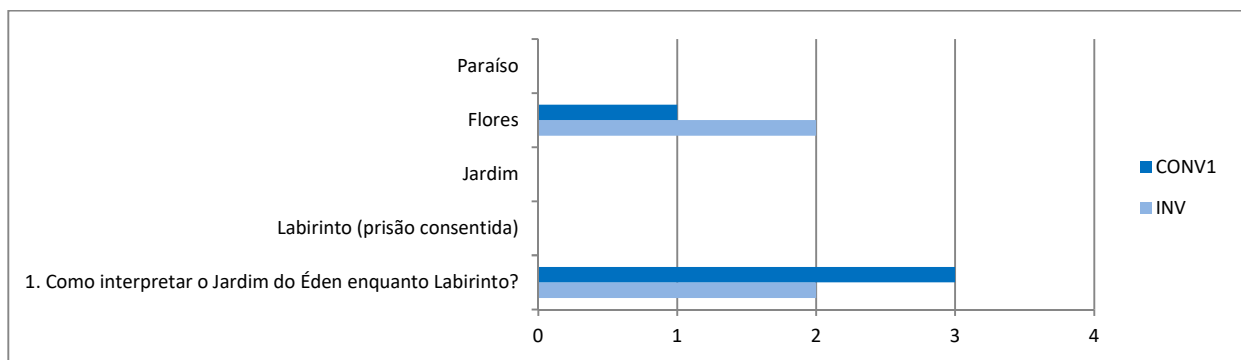


Tabela 9 – 1. Como interpretar o Jardim do Éden enquanto Labirinto?  
(ARDG - Adultos)

A ARDG (Adultos) da questão **1. Como interpretar o Jardim do Éden enquanto Labirinto?** (Tabela 1) apresenta um cenário de relevância bastante diminuto, porém, é de referir algumas intervenções do CONV1 para a constituição da própria questão Ex: “O título da obra (...), Jardim do Éden (Labirinto), sabem o que o é o Jardim do Éden? Alguém sabe o que é?”, e ainda, Ex: “Então porque é que ela, entre parêntesis, chama a esse Paraíso de labirinto?” e da INV num sentido mais informativo Ex: “Sabem como se chama esta obra? Jardim do Éden (Labirinto).”

Surgem ainda sinalizações com um sentido de intervenção por inquirição para a subcategoria **Flores** com relevância muito baixa tanto para o CONV1 como para a INV Ex: “Achas que isto tem alguma coisa a ver com as tuas flores [IND1]? Com a escolha das flores que falavas há pouco?” INV.

A ARDG (Adultos) da subcategoria **1. Como interpretar o Jardim do Éden enquanto Labirinto?** revelou uma escassez de moderação para a constituição da questão e respectiva teoria associada, o que sinaliza uma maior autonomia por parte das crianças-participantes na gestão de intervenções na fase de abertura da discussão.

## 2. O que define um labirinto?

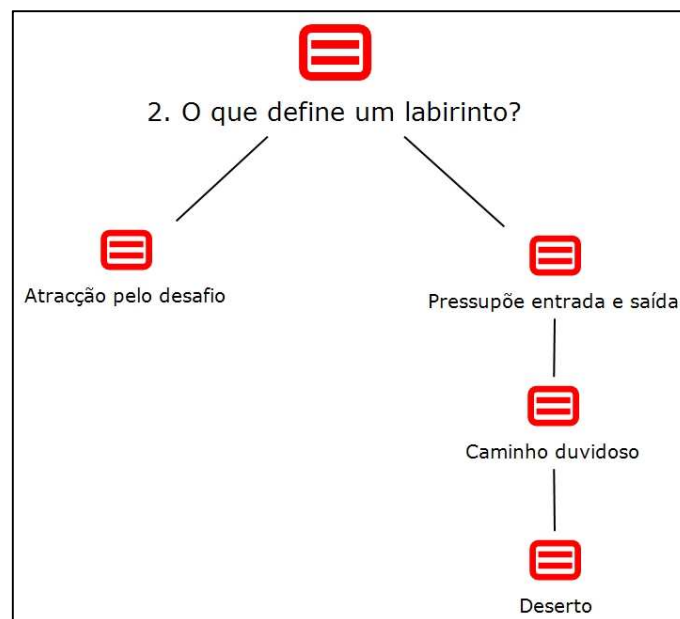


Figura 10 – 2. O que define um labirinto? (Diagrama)

A questão **2. O que define um labirinto?** (Figura 10) apresenta uma estrutura algo alargada mas pouco complexa devido à sua natureza fortemente teórica das qualidades inerentes à noção de *labirinto*.

A questão é formulada pelo CONV1 na sua demanda por intervenções mais concisas: “Então quem define, afinal, o labirinto?”. Assim, surgem as primeiras referências estruturadas em narrativas hipotéticas para descrever o que se supõe ser a **Atração pelo desafio** que pode representar um *labirinto* Ex: “Por exemplo: um labirinto em que ainda ninguém conseguiu entrar, está sempre assim um bichinho dentre de nós a dizer: - “Entra para ver se consegues tu!”, e é sempre assim, uma coisa que nos atrai, misteriosa, que queremos descobrir.” IND 3 (Feminino), e ainda, na relação directa com a obra que se adivinha que atrai mas sem qualquer registo de carácter nefasto Ex: “(...) não te faz nada de mal, no sentido: atrai mas não acontece uma consequência má!” IND 1 (Masculino).

A estruturação do conceito de *labirinto* exemplifica, após evidente interpretação da vivência do espaço da obra e da sua relação política com a natureza do espaço em que esta se insere (museu), que este **Pressupõe entrada e saída** Ex: “Ser difícil de sair, quer dizer, é quase impossível, porque não iam pôr num museu uma coisa que seja impossível de sair e ficar lá preso!” IND 4 (Masculino), e ainda, à semelhança dos elementos que constituem qualquer tipologia de *labirinto* (*areias do*

*deserto, árvores de uma floresta, ou no meio do oceano*), estes revelam a outra faceta indiscutível de um *labirinto* qualificada de **Caminho duvidoso** Ex: “Começas a pensar que estás a ir pelo caminho certo, mas depois, pelos vistos, não!” IND 4 (Masculino), sendo que neste contexto, o **Deserto** é assumido por todos como uma tipologia de *labirinto* Ex: “Os labirintos não têm de ter caminhos, a última história que o CONV1 nos contou sobre os dois reis, o labirinto de um dos reis é o deserto, e o deserto não tem caminhos.” IND 8 (Masculino), ou seja, a propósito de uma das histórias já referenciadas, o *deserto* é referido como um *labirinto* porque mesmo estando aberto não tem entrada ou saída, o que se perde no deserto pode ser facilmente enterrado, mais, uma pessoa no deserto “Morre, fica atrofiada, fica louca, começa a enlouquecer!” IND 6 (Masculino), mais ainda, a analogia de *deserto enquanto labirinto* pode se estender à própria definição de *paraíso*, e por sua vez a um género literário Ex: “Eu acho que o deserto é o mesmo labirinto que o paraíso porque o paraíso também não tem uma série de caminhos que te dificultam. O problema do paraíso também é esse e a outra coisa, o outro labirinto que não tem início nem fim, o Livro de Areia, não tem nem início nem fim, mas é um labirinto!” IND 6 (Masculino).

No que diz respeito a intersecções (Figura 10) não se verificam quaisquer ligações internas ou externas.

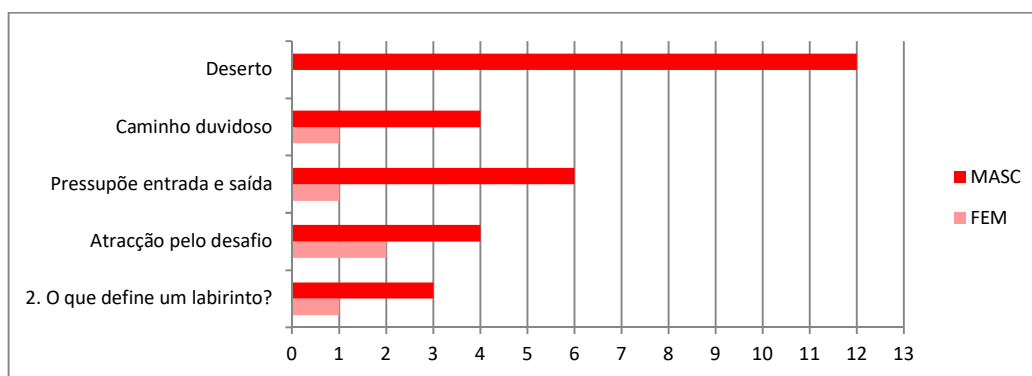


Tabela 10 – 2. O que define um labirinto?  
(ARDG - Crianças-participantes)

A ARDG (Crianças-participantes) apresenta, na sua generalidade, a questão **2. O que define um labirinto?** (Tabela 10) com uma forte relevância para o género masculino e escassa para o género feminino.

Assim, a questão **1. O que está representado na Obra?** e a subcategoria **Atracção pelo desafio** apresentam relevâncias muito baixas para ambos os géneros, principalmente, para o género feminino; a subcategoria **Pressupõe entrada e saída** apresenta um grau de relevância médio para o género masculino e diminuto para o género feminino; a subcategoria **Caminho duvidoso** apresenta uma relevância média-baixa para o género masculino e escassa ou diminuta para o género feminino; por último, a subcategoria **Deserto** destaca-se por apresentar uma relevância elevada apenas para o género masculino.

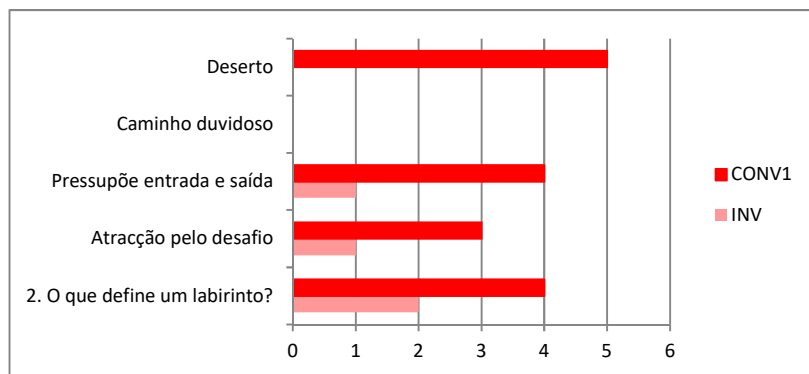


Tabela 11 – 2. O que define um labirinto?  
(ARDG - Adultos)

A ARDG (Adultos) da questão **2. O que define um labirinto?** (Tabela 11) apresenta um certo contraste, não só na relevância das intervenções dos facilitadores com uma maior relevância sinalizada para as intervenções do CONV1, como ainda, e conseqüentemente, numa maior intervenção de ambos os facilitadores na moderação da teoria inerente a esta questão. Assim, a questão **2. O que define um labirinto?** apresenta uma relevância alta para o CONV1 e baixa para a INV; a subcategoria **Atração pelo desafio** apresenta uma relevância média para o CONV1 e diminuta para a INV; a subcategoria **Pressupõe entrada e saída** apresenta um grau de relevância uma relevância alta para o CONV1 e diminuta para a INV; a subcategoria **Caminho duvidoso** não registou qualquer relevância para ambos os facilitadores; e, por último, a subcategoria **Deserto** destaca-se por apresentar uma relevância elevada apenas para as intervenções do CONV1 que se centraram em instigações em redor da questão “O deserto é um labirinto, porquê?”.

### 3. O que se experiencia através da obra Jardim do Éden (Labirinto)?

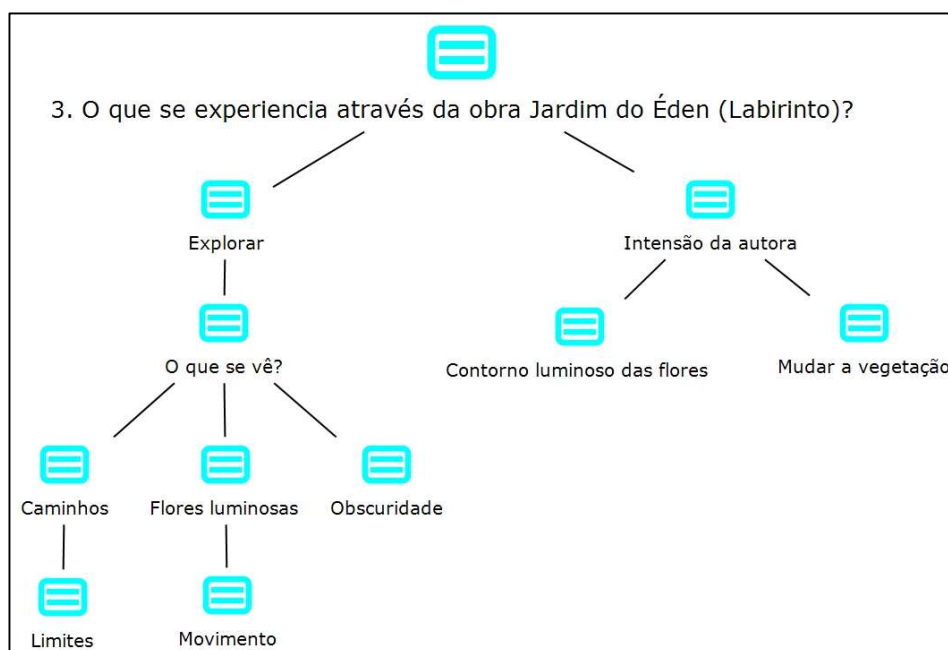


Figura 11 – 3. O que se experiencia através da obra Jardim do Éden (Labirinto)?  
(Diagrama)

A questão **3. O que se experiencia através da obra Jardim do Éden (Labirinto)?** (Figura 11) apresenta uma estrutura complexa e bastante ampliada, o que reflecte a natureza intrincada da própria questão, num nível que abrange não só a capacidade de associar a experiência perceptiva e física à construção narrativa, como também exige uma maior destreza argumentativa e de explanação. Esta conjugação permitiu avaliar como é que o grupo geriu a possibilidade de um momento de embaraço, ou seja, como se gerem as relações interpessoais, por inclusão ou por exclusão.

Neste contexto, considerou-se pertinente expor alguns registos de embaraços modestos Ex: “(...) eu não estou a perceber o que estou a dizer!” IND 4 (Masculino) ou “(...) estava a pensar que não respondi!” IND 6 (Masculino), ambas sem qualquer comentário que as precedesse, e ainda, o desabafo final da sua própria explanação “(...) por acaso é parvo!” IND 4 (Masculino), que suscitou de imediato uma reacção empática por parte do IND 8 (Masculino): “Não, não é [IND 4]!”. Conclui-se, assim, que as relações deste grupo acham-se consolidadas e sustentadas nos pressupostos educacionais apresentados pela pedagogia defendida por Matthew Lipman e aplicada nas Sessões de Filosofia, como estimuladoras de uma educação que promove a democracia e o conseqüente exercício de uma cidadania consciente.

Qualquer contributo para responder à questão **3. O que se experiencia através da obra Jardim do Éden (Labirinto)?** só é possível após a acção de *experienciar a obra*, tal como havia sido referido na ARTD (ver pág. 13), uma vez que é nesse preciso instante, em que ocorrem as percepções sensitivas, que se torna possível concertar as memórias conseqüentes, ou seja, **Explorar** tal como o descreve o IND 8 (Masculino) Ex: “Tentar descobrir como é o labirinto, a forma dele. Eu quando cheguei cá queria logo saber se havia aqui um degrau ou não porque como estava muito escuro parecia que estava aqui um degrau, queria saber qual era a estrutura do labirinto...”.

Nesta sessão específica, após a exploração física da obra (instalação), a vontade por explanações concisas intentaram-se numa perspectiva mais palpável Ex: “IND 1 solicita: - “Anda cá...”, CONV1 intervém: “Não vamos fazer experiências!”, IND 1 responde: - “Está bem, eu só vou explicar...”, ou seja, uma vez iniciada a sessão o grupo teria de permanecer sentado, logo, as percepções possíveis a partir desse momento brotariam da questão **O que se vê?** que opera como possível ponto de charneira de modo a poder sustentar o que reside em memória, o que havia sido vivenciado, e os restringimentos da necessidade de estar próximo do grupo. E **O que se vê?** são os **Caminhos** formados pelas **Flores luminosas** cujo brilho define os **Limites** do próprio *labirinto* e cujo **Movimento** mecanizado empresta-lhes uma qualidade vivificante Ex: “Nós não passamos assim, por cima delas, nós passamos por dentro delas. Elas fazem os contornos dos nossos caminhos, não são exactamente o nosso caminho!” IND 3 (Feminino), ou seja, permitem-nos perceber a forma do labirinto apesar da **Obscuridade** do ambiente que envolve e que penetra directamente na experiência e na intenção ou significado oculto da instalação.

Este significado oculto da obra releva-se na necessidade de especular sobre a **Intenção da autora**, sobre uma escolha focada no **Contorno luminoso das flores** que muda de tonalidade alterando continuamente o seu *aspecto* e que conduz à noção de vontade de querer **Mudar de vegetação** Ex: “ (...) vai mudando e muda o aspecto da própria flor. Isto podia-se dizer que é um labirinto que não muda de estrutura mas muda de vegetação... ficar de outra cor e isso.” IND 3 (Feminino).

No que diz respeito a intersecções (Figura 11) não se verificam quaisquer ligações internas ou externas.

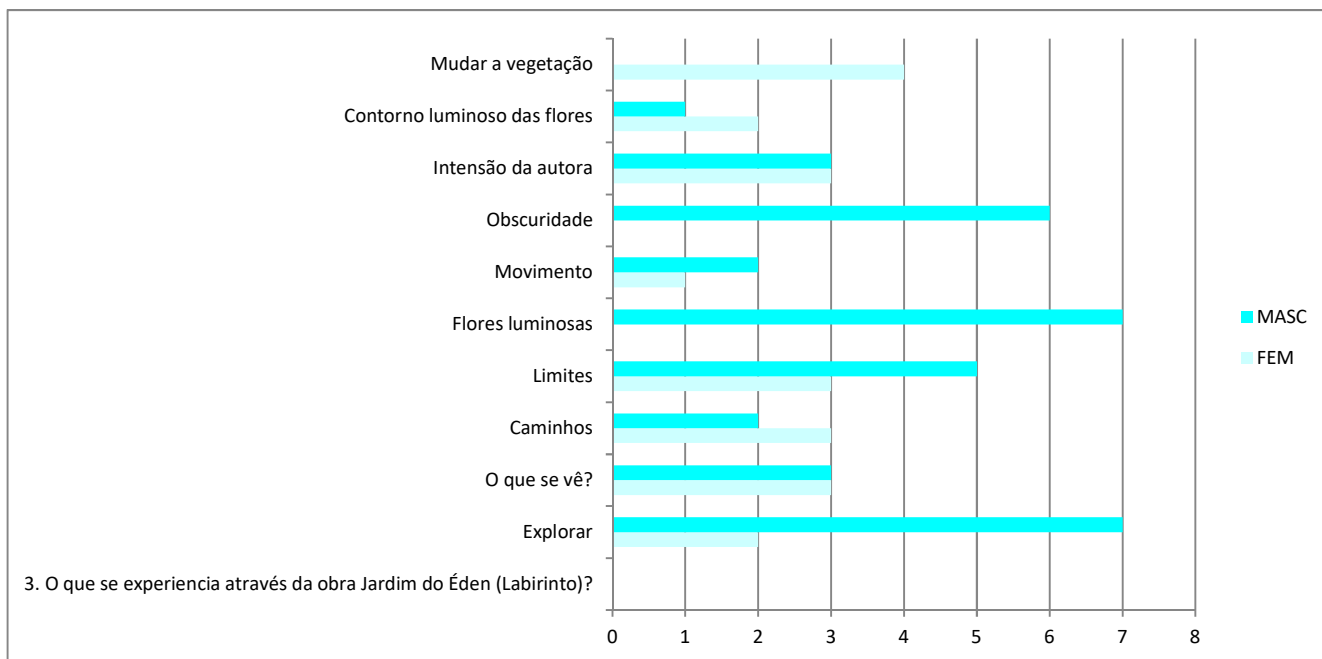


Tabela 12 – 3. O que se experiencia através da obra Jardim do Éden (Labirinto)?  
(ARDG - Crianças-participantes)

A ARDG (Crianças-participantes) apresenta, para a generalidade do fenómeno em análise, a questão **3. O que se experiencia através da obra Jardim do Éden (Labirinto)?** (Tabela 12) com uma forte relevância para o género masculino. Esta questão revelou-se, ainda, como a mais complexa das questões suscitadas pela teoria abordada na discussão, porém, neste contexto, as crianças-participantes articularam as suas argumentações dirigindo-se aos objectos ideológicos que tal questão alteia sem se referirem directamente à mesma. A 3ª Questão estendeu-se ainda às seguintes subcategorias:

- A subcategoria **Explorar** apresenta um grau de relevância elevado para o género masculino e baixo para o género feminino que se estende à subcategoria **O que se vê?** com um grau de relevância médio para ambos os géneros que, por sua vez, agrega ainda:

- a subcategoria **Caminhos** com um grau de relevância médio para género masculino e baixo para o género feminino e que se estende à subcategoria **Limites** com um grau de relevância alto para género masculino e médio para o género feminino;

- a subcategoria **Flores luminosas** que apresenta um grau de relevância elevado apenas para o género masculino e que se estende à subcategoria **Movimento** com uma relevância baixa ou diminuta para ambos os géneros;

- a subcategoria **Obscuridade** apresenta um grau de relevância alto apenas para o género masculino;

- A subcategoria **Intenção da autora** apresenta um grau de relevância médio para ambos os géneros e agrega:

- a subcategoria **Contorno luminoso das flores** com uma relevância baixa ou diminuta para ambos os géneros;

- a subcategoria **Mudar de vegetação** com uma relevância média-alta apenas para o género feminino.

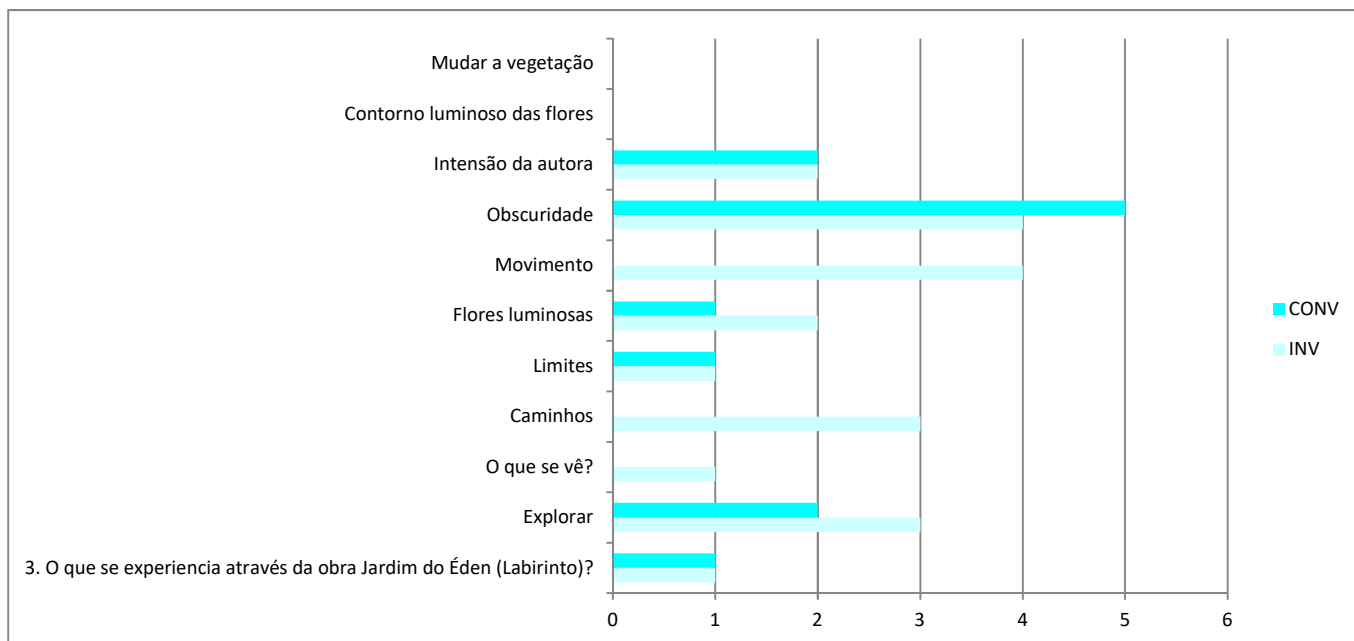


Tabela 13 – 3. O que se experiencia através da obra Jardim do Éden (Labirinto)?  
(ARDG - Adultos)

A ARDG (Adultos) questão **3. O que se experiencia através da obra Jardim do Éden (Labirinto)?** (Tabela 13) apresenta uma relevância das intervenções associadas às dinâmicas de moderação mais acentuada para a INV, porém, com uma relevância de conteúdos muito pertinente para o CONV1.

Na dinâmica da moderação partilhada destaca-se a relevância da intervenção dos facilitadores para a estruturação da subcategoria **Obscuridade** Ex: “Mesmo estando baixo [canteiro de flores] dá a indicação de possibilidade de caminho, que são flores luminosas, mas tu não deixas de pôr os teus pés em caminhos escuros!” que reflecte o modo como se impulsiona a discussão expondo elementos já apresentados que se associam e devolve ao espaço partilhado da discussão.

A subcategoria **Movimento** apresenta uma relevância a considerar, contudo, com sinalizações apenas conteúdos inerentes às intervenções da INV Ex: “Então, este jardim de flores florescentes está vivo, não está?” que se mostrou atenta à necessidade de algumas crianças-participantes revelada na aproximação às flores mais próximas de modo a observarem o seu *movimento* mecanizado.

No geral, pode-se afirmar que o registo de relevância dos conteúdos que se salientaram das intervenções dos facilitadores acompanhou de próximo o desenvolvimento das argumentações apresentadas pelas crianças-participantes, não deixando de estimular a necessidade de examinar ideias assertivamente, bem como, a necessidade de acompanhar intervenções que se apresentaram menos consolidadas mas pertinentes e potencializadoras de sentidos profundos Ex: “- ... é assustador!”, diz o [IND 8].” INV

#### 4. Como comparar a “Vida enquanto Caminho” em relação ao “Caminho que é a Obra”?



Figura 12 – 4. Como comparar a “Vida enquanto Caminho” em relação ao “Caminho que é a Obra”? (Diagrama)

A questão **4. Como comparar a “Vida enquanto Caminho” em relação ao “Caminho que é a Obra”?** (Figura 12) surge num momento breve e específico da discussão - o seu final, pelo que, apresenta uma estrutura simplificada de forte significação.

Como já havia sido referido, aquando da ARTD, a subcategoria **A vida enquanto caminho** (ver pág. 15-16) estrutura um conceito alargado proposto à reflexão na discussão pelo CONV 1 "Então, em função àquilo que me disseste, se pensarmos na nossa própria vida como um caminho, como é que vocês comparariam o caminho que é a vida com este caminho que têm aqui? Eu estou a partir da explicação da Ísis, porque com base no que ela disse nós aqui caminhamos, não vemos os caminhos, mas conseguimos caminhar porque temos os limites que constroem o nosso caminho. Eu estou a perguntar, se pensarmos na vida com um caminho, se fazemos o caminho da mesma maneira ou de outra?". Este *caminho* revelou-se, de imediato, sujeito a várias possibilidades de **Escolha** e, conseqüentemente, surge a ideia de que **1. Construímos o nosso labirinto** em que aquele que o constrói é o único responsável pelas conseqüências da sua própria escolha. Assim, quem *constrói o caminho* tem de o assumir num acto consciencioso e não por influência de outrem, mais, esse acto consciencioso torna também susceptível antever a *probabilidade das conseqüências*.

Ainda neste contexto *A vida enquanto caminho* surge uma 2ª opinião que se define segundo a ideia de que **2. Um labirinto é a tua vida** Ex: "Eu acho que não somos nós que construímos o nosso labirinto mas sim, nós percorremos um labirinto na nossa vida, que é por exemplo: estamos a fazer um teste e quando estamos a fazer um teste é como se chegássemos a uma parte do labirinto que tem vários caminhos: o caminho de te esforçaste para fazer o teste, o caminho de não te esforçares porque não queres fazer o teste ou até mesmo copiar, e tu escolhes um, e depois a partir do outro poderás ter mais, que terá conseqüências e eu acho que os caminhos são escuros porque não saberás o que lá vai estar se fizeres isso. Por exemplo: se escolheres copiar, poderás ser apanhado, se escolheres esforçares-te pouco poderás ter má nota, se decidires fazer nada terás

a pior nota possível porque não fizeste o teste e se esforçares-te muito poderás vir a ter um teste bom. Por isso, a vida não és tu a construíres o teu labirinto mas sim um labirinto é a tua vida." IND 8 (Masculino).

Perante o conceito de um *caminho que é a obra*, reconhecesse um *caminho* sujeito a escolhas limitadas que observa a natureza do espaço que envolve a obra e que lhe é intrínseco - na *obscuridade*, sendo que todos os caminhos, passíveis de escolha ou não, adivinham-se apenas através dos seus *limites (flores luminosas)* porque permanecem sempre no escuro Ex: "São escuros porque nós não sabemos bem o futuro, não é?" IND 3 (Feminino). Assim, por analogia à vida, o **Futuro** é um conceito que se entende *obsuro e assustador*, sujeito a *escolhas* e a leis igualmente obscuras como a *lei da probabilidade*, ou seja, nesse **Futuro** possível "Sim, só escolhes os caminhos!" IND 8 (Masculino).

Para a questão 4. **Como comparar a “Vida enquanto Caminho” em relação ao “Caminho que é a Obra”?** não se verificam quaisquer intersecções internas ou externas (Figura 12).

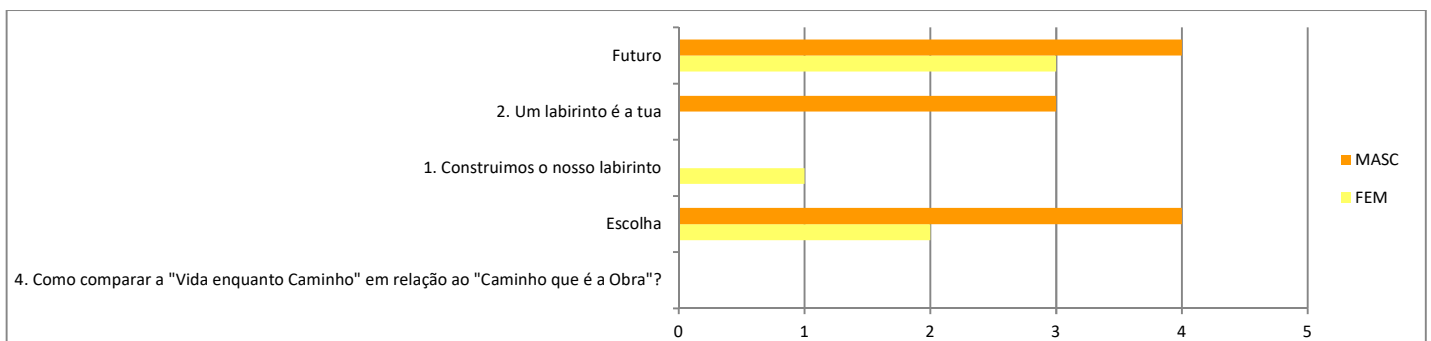


Tabela 14 – 4. Como comparar a “Vida enquanto Caminho” em relação ao “Caminho que é a Obra”?  
(ARDG - Crianças-participantes)

A ARDG (Crianças-participantes) da questão 4. **Como comparar a “Vida enquanto Caminho” em relação ao “Caminho que é a Obra”?** (Tabela 14) revela um decréscimo acentuado de sinalizações, porém, como já havia sido referido, refere-se a uma teoria desenvolvida num curto período de tempo com um elevado conteúdo de significação. Neste contexto, pode-se também verificar uma relevância ligeiramente superior associada às intervenções das crianças-participantes do género masculino em relação às do género feminino.

A própria questão 4. **Como comparar a “Vida enquanto Caminho” em relação ao “Caminho que é a Obra”?** não se apresenta sinalizada em qualquer intervenção crianças-participantes por ter surgido por intervenção do CONV1.

A questão 4. **Como comparar a “Vida enquanto Caminho” em relação ao “Caminho que é a Obra”?** estende a sua significação às subcategorias:

- **Escolha** com uma relevância elevada para o género masculino e média para o género feminino e que compreende as seguintes subcategorias:

- **1. Construímos o nosso labirinto** com uma relevância baixa e apenas para o género feminino;

- **2. Um labirinto é a tua escolha** apresenta uma relevância alta apenas para o género masculino;

- **Futuro** com uma relevância elevada para o género masculino e alta para o género feminino.

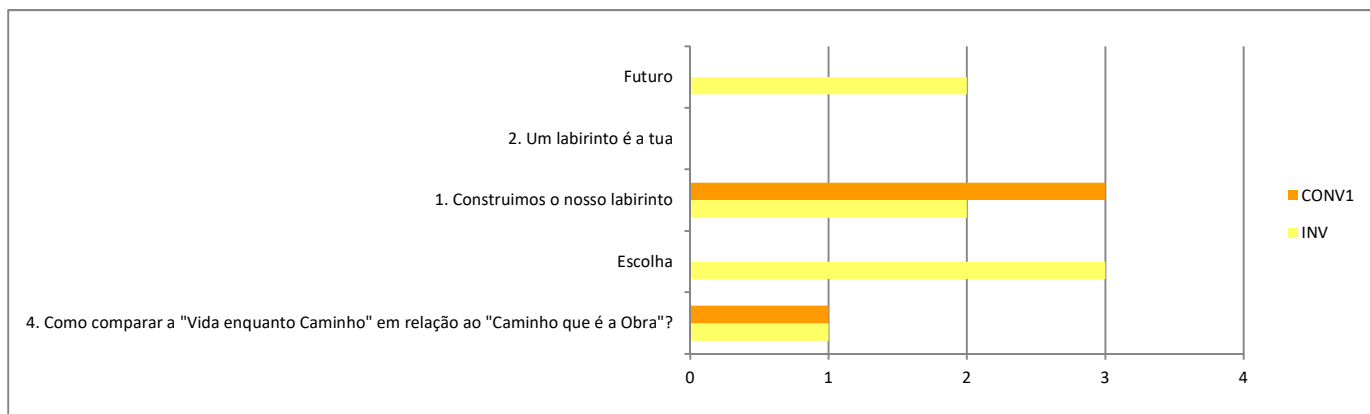


Tabela 15 – 4. Como comparar a “Vida enquanto Caminho” em relação ao “Caminho que é a Obra”?  
(ARDG – Adultos)

Na ARDG (Adultos) da subcategoria **4. Como comparar a “Vida enquanto Caminho” em relação ao “Caminho que é a Obra”?** (Tabela 15) denota-se uma maior relevância na participação da INV.

Na dinâmica da moderação partilhada destaca-se a estruturação da própria questão em análise e da subcategoria **1. Construimos o nosso labirinto** que revela um relevo teórico a considerar, uma vez que indicia a instigação necessária para que se garantisse um sentido mais apurado das intervenções por parte das crianças-participantes.

As subcategorias **Escolha** e **Futuro** comportaram vários registos de intervenções apenas da INV.

No que diz respeito às questões inerentes a uma moderação conjunta, esta última fase destaca-se pela preocupação e complementaridade das intervenções de modo a garantir a conseqüente qualidade e equilíbrio de estímulos.

## ANÁLISE ETNOGRAFICA DO REGISTO DE VIDEO

Tal como havia sido referido anteriormente<sup>2</sup>, o modo como a obra *Jardim do Éden (Labirinto)* se constitui e íntegra no espaço envolvente - em completa escuridão, obriga a que, por carência de qualidade do registo de vídeo, neste R7A, não se efective a AERV, ou seja, este relatório altera pontualmente os pressupostos objectivados e registados no R1A por evidente adaptação ao fenómeno em análise.

---

<sup>2</sup> Ver Procedimentos, pág. 3.

## RETRATOS E ANÁLISE DE PARTICIPAÇÃO POR INDIVÍDUO (Crianças-participantes e Adultos)

Estes RAPI (Crianças-participantes e Adultos), tal como foi referenciado no R1A, apoia a necessidade de definir, não só o modelo de participação por indivíduo em relação às categorias balizadas pela ARTD, mas também a sinalização da tipologia do carácter argumentativo de cada uma das crianças-participantes.

Visualizar o mapeamento categorial da participação de cada indivíduo (do Gráfico 1 ao Gráfico 13) e a descrição da respectiva participação na dinâmica do grupo, permitiu aceder a uma maior sensibilização das possíveis relações comportamentais e permitirá avaliar a evolução das suas participações. De igual modo foi integrado o retrato de participação dos facilitadores de modo a compreender a necessidade ou dispensabilidade das suas intervenções, o carácter e tipologia das mesmas.

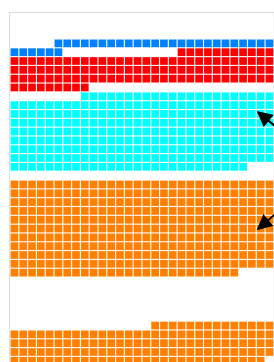


Gráfico 1 – IND 1 (Masculino)

IND 1 participou activamente tanto na formulação da **Agenda da Discussão** como, posteriormente, durante toda a **Discussão**.

No que diz respeito à **Discussão** participou com maior exuberância teórica para as subcategorias **Experientiar a Obra** e **A vida como um caminho**.

As suas intervenções revelam uma natureza maioritariamente intuitiva, porém, nesta sessão, revelou um certo cepticismo face a algumas intervenções de outras crianças-participantes. A participação do IND 1 é atenta, o seu tom de voz é cordial e entusiasta (teve de ser chamado à atenção para que não interrompesse outras intervenções), por vezes, desafiador. O seu comportamento revelou-se atento e muito associado à experimentação da obra.

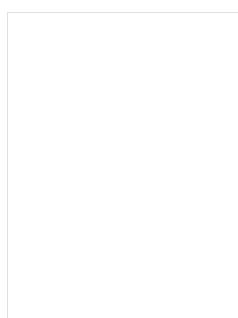


Gráfico 2 – IND 2 (Masculino)

IND 2 mantém um registo de comportamento pacato, por vezes, alheado e sempre silencioso.

Nota: Observar possível evolução de comportamentos e participação no decorrer das próximas Sessões.

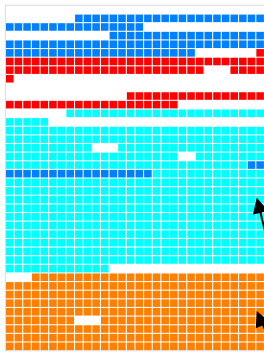


Gráfico 3 – IND 3 (Feminino)

A IND 3 marcou o compasso desta Sessão com a peculiaridade das suas intervenções: participou activamente tanto na formulação da **Agenda da Discussão** como durante toda a **Discussão**.

As suas intervenções oscilam entre uma percepção francamente intuitiva e a exposição empírica das suas argumentações. O tom de voz mantém-se sempre calmo, afável, pouco elevado e ondulante nas entoações, imperturbável quando ocorrem interpelações menos simpáticas. O seu comportamento revelou-se participativo, integrado e respeitador das regras da discussão.

Verificou-se uma participação perspicaz para a constituição da subcategoria **Experienciar a Obra** e geradora da 1ª posição apresentada para a subcategoria **A vida como um caminho**.

A IND 3 continua a exercer a função de principadora de muitos conceitos que inauguram e estruturam questões pertinentes na **Discussão**. A IND3 mantém um perfil de abordagem à percepção da obra como um todo contínuo, coerente, e associador a narrativas coerentes e desafiadoras dos conceitos em referência.

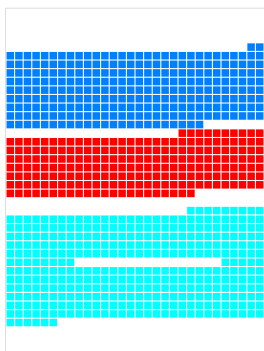


Gráfico 4 – IND 4 (Masculino)

O IND 4 não participou com nenhuma questão para a constituição da **Agenda da Discussão**, porém, foi muito entusiasta nos temas interpretativos da obra que as mesmas visaram.

O seu comportamento revelou-se atento, motivado e respeitador das regras da discussão.

Verificou-se uma participação interessada na constituição das subcategorias **Ideia de Labirinto** e **Experienciar a Obra**. As intervenções do IND4 revelaram uma natureza oscilante entre o perspicaz e o de pouca relevância, sendo que na fase final, a da estruturação da subcategoria **Experienciar a Obra**, o nível abstracto dos contextos teóricos suscitados por outras intervenções, terem dificultado que encontrasse a coerência e o melhor entendimento das suas próprias intervenções. As intervenções do IND4 mantêm uma tipologia argumentativa tendencialmente intuitiva.

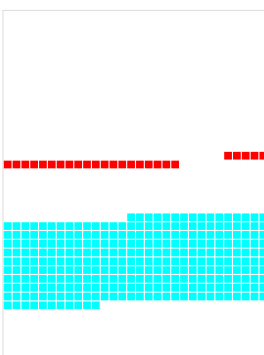


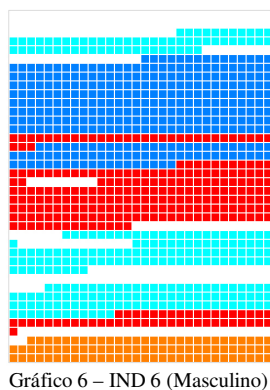
Gráfico 5 – IND 5 (Masculino)

O IND 5 não participou na formulação da **Agenda da Discussão**.

O seu comportamento mantém-se agitado, inquieto e, por vezes, desatento.

Em geral a sua participação revelou-se escassa, porém, incidiu com alguma pertinência aquando das intervenções que estruturaram a subcategoria **Experienciar a Obra**.

O fraco teor das intervenções para esta Sessão não possibilitaram avaliar a natureza da sua tipologia argumentativa.



O IND 6 não participou na constituição da **Agenda da Discussão**, porém, foi muito entusiasta nos temas interpretativos da obra que as mesmas visaram.

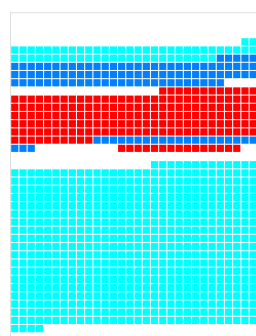
O seu comportamento revelou-se atento, observador e integrado na dinâmica da discussão.

No que diz respeito aos seus interesses argumentativos, o IND6 participou com maior intensidade na constituição das subcategorias **Interpretar** e **Ideia de Labirinto**, e com menor intensidade mas igual pertinência nas subcategorias **Experienciar a Obra** e **A vida como um caminho**.

A sua participação foi constante e consistente durante quase toda a discussão.

A narrativa apresentada pelo IND6 é bastante consistente e revela uma tipologia argumentativa especialmente céptico-analítica e determinante para a estruturação coerente das ideias que defende.

Nesta discussão o IND 6 apresentou, para as várias questões abordadas, narrativas hipotéticas que inteligentemente desdobravam significações qualitativas por valorização (como o conceito de *bom*).

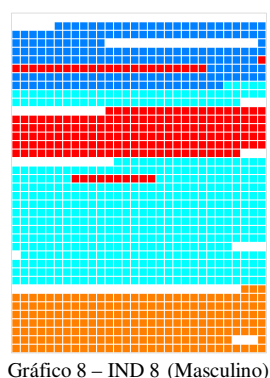


A IND 7 não participou na constituição da **Agenda da Discussão** e a sua participação oscilou entre os vários momentos da discussão.

O seu comportamento revelou-se atento, respeitador das regras da discussão, mas pouco e participativo (em relação ao registado em sessões anteriores), isto é, a sua participação foi moderada e atenta às intervenções dos facilitadores quando devolvem alguma questão à **Discussão**, porém, sem o entusiasmo (algo belicoso) que lhe era característico.

Verificou-se uma participação interessada na constituição das subcategorias **Ideia de Labirinto** e **Experienciar a Obra**.

A narrativa apresentada pelo IND7 mantém a sua tipologia argumentativa analítica.



O IND 8 foi o elemento mais participativo da **Discussão** com um foco de interesse alargado e de reciprocidade teórica que o permitiu entrecruzar os vários conceitos abordados, elevando o seu nível de focagem. Apesar de não ter participado na constituição da **Agenda da Discussão** foi muito entusiasta nos temas interpretativos da obra que as mesmas visaram. O seu comportamento revelou-se atento, observador e muito activo. Mantém o seu perfil de elemento respeitador das regras da discussão e defensor do seu espaço de intervenção; muito participativo e sensível ao gesto e às outras intervenções, manteve uma enorme argúcia em sustentar e elevar o conteúdo das mesmas.

A narrativa apresentada pelo IND8 caracteriza-se pela sua coerência e força anímica, com uma narrativa de tipologia argumentativa fortemente analítica. O seu forte poder

argumentativo e a sua visão alargada dos conteúdos em discussão permitiram-lhe desdobrar os conceitos apresentados na fase final de modo a apresentar uma segunda opinião, igualmente incisiva.

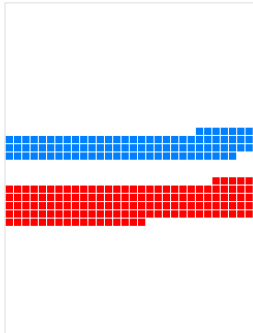


Gráfico 9 – IND 9 (Masculino)

IND I mantém um registo de comportamento pacato, por vezes atenta à circulação das intervenções.

Nesta sessão foi possível registar algumas intervenções, porém, de conteúdo incipiente.

Nota: Observar possível evolução de comportamentos e participação no decorrer das próximas Sessões.

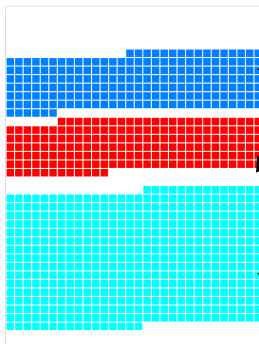


Gráfico 10 – IND 10 (Masculino)

O IND10 não participou com nenhuma questão para a constituição da **Agenda da Discussão**, porém, entusiasta (algo belicoso) na tomada de posição aquando do seu desenvolvimento estruturado pela subcategoria **Interpretação**.

O seu comportamento revelou-se atento e respeitador das regras da discussão.

Verificou-se uma participação interessada mas reactiva.

A sua participação foi pontual, tendo-se focado com uma maior relevância na constituição das subcategorias **Ideia de Labirinto** e **Experienciar a Obra**.

Nesta sessão registou-se pela primeira vez uma argumentação sustentada por uma narrativa de conteúdo real ou vivencial. Nesta sessão as intervenções do IND10 mantêm o registo de se constituírem de elementos recolhidos do que se passava em seu redor, contudo, alargando o seu carácter para algo mais opinioso.

Os dados recolhidos, apesar de parcos, possibilitam delinear uma narrativa de tipologia argumentativa tendencialmente céptica.

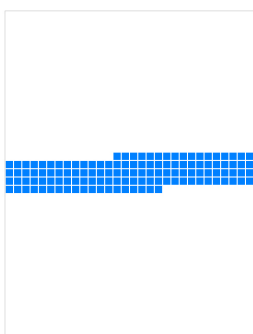


Gráfico 11 – IND 11 (Feminino)

IND I participou na formulação da **Agenda da Discussão**.

O seu comportamento mantém-se num registo de algum constrangimento e dificuldade em entrar em sintonia com o resto do grupo, contudo, acompanhou os movimentos do grupo no que diz respeito à observação mais próxima da obra em análise.

Nota: Observar possível evolução de comportamentos e participação no decorrer das próximas Sessões.

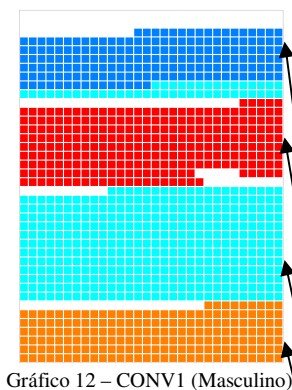


Gráfico 12 – CONV1 (Masculino)

O CONV1 participou na moderação em conjunto da Sessão com a INV.

Esta partilha da moderação da **Discussão** ocorreu naturalmente e assegurou os benefícios registados nos relatórios anteriores: convencionou o carácter de partilha e a empatia para a melhor aceitação da INV como moderadora; por ser professor dos participantes o seu ascendente nas relações comportamentais é determinante; a sua vasta experiência na prática da Filosofia com crianças possibilitou um maior controlo do cumprimento das regras da discussão e uma maior acuidade nas intervenções (por instigação ou na devolução do argumento ao grupo), o que conduz a benefícios evidentes para a Sessão.

Nesta sessão a intervenção do CONV1 foi menos incisiva nas questões relativas à *interpretação* (1ª Questão); preponderante para a *definição de labirinto* (2ª Questão) e para a significação do *experienciar a obra* (3ª Questão); e fundamental na instigação à definição da *vida como um labirinto* em analogia directa com a obra em análise (4ª Questão).

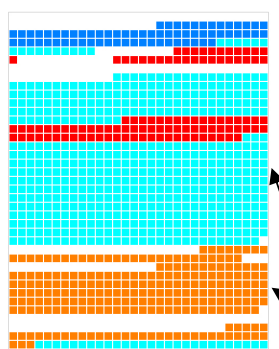


Gráfico 13 – INV (Feminino)

A INV deu início à Sessão relembrando os procedimentos, idênticos aos das sessões anteriores. (a recolha de dados através de registo de vídeo ficou completamente comprometida pela escuridão envolvente)

Abordou com firmeza as questões comportamentais.

A participação da INV foi incisiva e atenta às intervenções. Nesta sessão a intervenção da INV foi pouco incisiva nas questões relativas à *interpretação* (1ª Questão) e para a *definição de labirinto* (2ª Questão); determinante para a significação do *experienciar a obra* (3ª Questão) e para a definição da *vida como um labirinto* em analogia directa com a obra em análise (4ª Questão).

## CONCLUSÕES FINAIS

A análise à estrutura desta discussão permite localizar e distinguir distintos momentos na dinâmica da discussão:

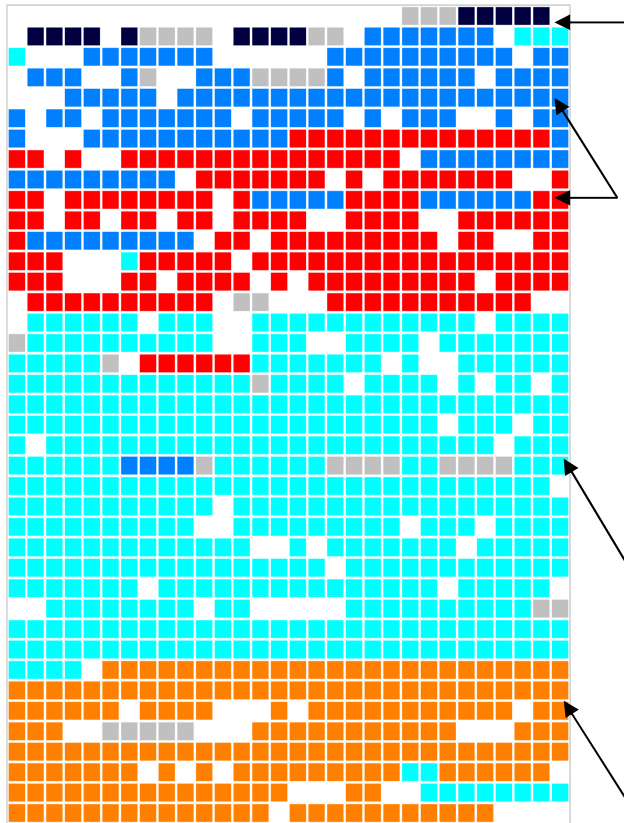


Gráfico 14 - RRTD7A

1. Momento de interpretação em que as crianças-participantes percebem os elementos constituintes da obra e com os quais estruturam uma **Agenda da Discussão**;

2. Momento de contextualização em que as crianças-participantes procuram responder a algumas questões em aberto sem se focarem especificamente em nenhuma delas. As abordagens são múltiplas, pelo que podem constituir momentos de passagem ou flutuantes e antecedem a entrada nas abordagens mais consistentes da discussão;

3. Momento em que as crianças-participantes desenvolvem discursos associados a interpretações focalizadas em conceitos interpretativos já muito direccionados e sustentados por discursos de estruturação narrativa (pessoais, reais ou hipotéticos) que reforçam as suas argumentações;

4. Momento específico em que as crianças-participantes desenvolvem um discurso abstracto em torno de uma ou mais categorias pertinentes à ampliação das suas argumentações.

### Legenda:

Subcategorias da Discussão	
<span style="display: inline-block; width: 10px; height: 10px; background-color: black; border: 1px solid black;"></span>	Agenda da Discussão
<span style="display: inline-block; width: 10px; height: 10px; background-color: blue; border: 1px solid black;"></span>	Interpretar
<span style="display: inline-block; width: 10px; height: 10px; background-color: red; border: 1px solid black;"></span>	Ideia de Labirinto
<span style="display: inline-block; width: 10px; height: 10px; background-color: cyan; border: 1px solid black;"></span>	Experienciar a Obra
<span style="display: inline-block; width: 10px; height: 10px; background-color: orange; border: 1px solid black;"></span>	A vida como um caminho
<span style="display: inline-block; width: 10px; height: 10px; background-color: gray; border: 1px solid black;"></span>	(Registos comportamentais)

### Questões derivadas da ARDG

1. Como interpretar o Jardim do Éden enquanto Labirinto?
2. O que define um labirinto?
3. O que se experiencia através da obra Jardim do Éden (Labirinto)?
4. Como comparar a "Vida enquanto Caminho" em relação ao "Caminho que é a Obra"?

## INTERPRETAÇÃO

A **Agenda da Discussão** gerou cinco questões (Quadro 1). As questões reveladas pela **Agenda da Discussão** foram sustentadas pela observação directa de uma única obra intitulada *Jardim do Éden (Labirinto)* conforme contexto anteriormente referido (Ver pág.3).

Agenda da Discussão	
1ª. Porque é que as flores são fluorescentes?	IND 11 (Feminino)
2ª. O que é que a Joana Vasconcelos queria transmitir quando fez esta obra?	IND 1 (Masculino)
3ª. Porquê flores e porque não estátuas?	IND 1 (Masculino)
4ª. Porque é que puseram as flores como um labirinto e não como um jardim?	IND 3 (Feminino)
5ª. Porquê colunas a segurar as flores e não vasos?	IND 1 (Masculino)

Quadro 1 – Agenda da Discussão (Questões)

Assim, a 1ª e 3ª Questão constituíram a subcategoria **Flores fluorescente Vs Estátuas** por suposição de que um dos elementos constituintes da obra pudesse ser substituído por outro e se tal substituição alteraria a interpretação da obra; a 2ª Questão constituiu a subcategoria **Intenção da autora** por preocupação directa ao que a autora pretende transmitir ao observador/participante; a 4ª Questão formou a subcategoria **Labirinto Vs Jardim** por referência directa do corpo da obra em associação simbólica com o seu próprio título; a 5ª Questão constituiu a subcategoria **Suporte das flores** que evidenciou a natureza tecnicista de um elemento constituinte da obra por conformidade funcional.

As crianças-participantes, ao entrarem no espaço onde se localizava a obra, entraram no que é simultaneamente corpo da obra e corpo vivencial da obra – uma instalação. A negrura do espaço envolvente é em simultâneo a negrura plástica que a artista adequou às necessidades da constituição da obra, isto é, a negrura em forte contraste com a luz fluorescente das flores organizam a *paleta* de cor escolhida pela artista, desenham e preenchem formas, definem e ocupam lugares próprios na e da obra. Esse corpo labiríntico da obra é vivenciado pelas crianças-participantes que enveredam pelos seus caminhos isoladas ou em grupo, comunicando experiências que decifram e outras que se mantêm suspensas, sem resposta. A obra proporciona uma vivência lúdica, partilhada e, em simultâneo, experiencial no sentido em que se projecta no indivíduo interior e se constituiu de um saber a registar e a questionar.

Posteriormente, foi solicitado às crianças-participantes que se sentassem num dos cantos da sala (contíguo à entrada do espaço), parcamente iluminado, onde se localizava uma pequena bancada. A formação em meia-lua de frente para a instalação ficou desde logo comprometida, bem como o registo em vídeo das suas relações comportamentais. Nesta fase registaram-se alguns comportamentos de agitação e de alguma perplexidade como reacção directa à vivência/experimentação da obra. A INV informou as crianças-participantes que os procedimentos a ter em conta na Sessão seriam os mesmos praticados ao longo das últimas sessões.

Nesta 1ª Fase da Sessão, após uns segundos de observação da obra em referência, registaram-se pedidos imediatos de inscrição com comportamentos de preocupação com o cumprimento das regras da Filosofia com Crianças.

## CONTEXTUALIZAÇÃO

Nesta Sessão registou-se um momento muito circunscrito de contextualização, ou seja, o momento próprio de disseminação das ideias, conceitos ou questões ressoaram apenas na primeira parte da **Discussão** e circunscreveram-se apenas a duas subcategorias teóricas muito específicas: o que e como **Interpretar** e a constituição de um conceito viável que sustentasse a **Ideia de Labirinto**.

Neste contexto específico, o momento de contextualização desta Sessão 7 A dispôs-se do seguinte modo:

- As duas subcategorias sobrepuseram-se, integraram-se e desvincularam-se num momento muito específico que se designou nesta investigação por momento de passagem ou flutuante, ou seja, verifica-se uma notória redução de necessidade de contextualização da leitura e posterior interpretação directa da obra em questão;
- As subcategorias inteiraram progressivamente o seu domínio teórico;
- A subcategoria de 2º nível **Interpretar** dispôs um *corpo teórico* extenso e denso que contraste com a subcategoria de 2º nível **Ideia de Labirinto** com uma estrutura mais simplificada e que se formou com base na informação análoga que a antecedeu;
- a subcategoria de 2º nível **Ideia de Labirinto** relaciona-se com subcategoria de 2º nível **Interpretar**, que a antecedeu, por ambas referenciam o mesmo conceito *labirinto* em contextos teóricos específicos (obra e elementos narrativos).

No que diz respeito à dinâmica de grupo, o ruído provocado por outros grupos que visitavam a exposição obrigou a algumas suspensões da discussão, porém, foram de igual modo registados conversas cruzadas ou sobrepostas. Nesta fase da **Discussão** não se verificaram quaisquer comportamentos físicos de aproximação à obra.

É de referir alguma incidência na intervenção dos facilitadores para uma acuidade ou assertividade nas intervenções e de alguns registos de alheamento aparente ou efectivo, presumivelmente, em alguns casos, alimentado pela confusão provocada pelos restantes visitantes.

## DISCURSO COM ESTRUTURAÇÃO NARRATIVA

Nesta sessão foi registado apenas um momento em que os discursos se desenvolveram obedecendo a uma estrutura narrativa particularmente densa, ou seja, a que concerne à subcategoria de 2º nível **Experienciar a Obra**.

Neste caso, a contextualização teórica desta subcategoria foi gerada através de um conceito activo determinado pelo estímulo derivado da experimentação da obra, que se sente e que foi sujeita a uma reflexão posterior que incluiu as percepções sensíveis experimentadas e registadas Ex: “Tentar descobrir como é o labirinto, a forma dele. Eu quando cheguei cá queria logo saber se havia aqui um degrau ou não porque como estava muito escuro parecia que estava aqui um degrau, queria saber qual era a estrutura do labirinto...” IND 8 (Masculino). A contextualização teórica edificou-se, ainda, através de narrativas hipotéticas partilhadas aquando da interpretação directa da obra e estruturadas colectivamente.

O referido conceito activo foi evidenciado através da subcategoria **Caminho**, contudo, em associação directa à **Intenção da autora**, ou seja, ao ardil perceptivo que esta pretendeu criar e que já havia sido mencionado no início da Sessão através da 2ª Questão da **Agenda da Discussão**.

É inevitável referir como a subcategoria de 2º nível **Experienciar a Obra** reflecte a natureza intrincada da própria questão, uma vez que, não só abrangeu a capacidade destas crianças-participantes associarem a experiência perceptiva e física à construção narrativa, como também, exigiu das mesmas uma maior destreza argumentativa, de explanação e de gestão dos

inevitáveis registos de embaraços que foram amavelmente acolhidos e resolvidos pelo grupo. Assim, no que diz respeito à dinâmica de grupo e de acordo com o contexto acima referido, consideram-se consolidadas e sustentadas os pressupostos educacionais apresentados pela pedagogia defendida por Matthew Lipman e aplicada nas Sessões de Filosofia, como estimuladoras de uma educação que promove a democracia e o conseqüente exercício de uma cidadania consciente.

## DISCURSO ABSTRACTO

A entrada de discursos de cariz abstracto surge apenas no final da **Discussão** como um conceito alargado proposto para reflexão por intervenção directa do CONV 1: "Então, em função àquilo que me disseste, se pensarmos na nossa própria vida como um caminho, como é que vocês comparariam o caminho que é a vida com este caminho que têm aqui? Eu estou a partir da explicação da [IND 3], porque com base no que ela disse nós aqui caminhamos, não vemos os caminhos, mas conseguimos caminhar porque temos os limites que constroem o nosso caminho. Eu estou a perguntar, se pensarmos na vida com um caminho, se fazemos o caminho da mesma maneira ou de outra.", ou seja, a questão surge como uma preocupação sensível à assimilação e elevação das narrativas hipotéticas apresentadas a uma transferência teórica, agora, enquadrada pelos registos percebidos da leitura da obra.

Assim, a **Vida como um caminho** é entendida como estando sujeita a várias possibilidades de **Escolha** que, por sua vez, inaugura duas tomadas de posição:

- **1. Construimos o nosso labirinto** Ex: "Eu acho que em relação à vida somos nós que construímos o nosso labirinto e somos nós que pelas nossas opções, pelas nossas escolhas, o fazemos mais complexo ou mais difícil do que mais fácil, e é como nós queremos lá chegar, é como se fôssemos nós a fazer este labirinto e somos nós que escolhemos os caminhos na nossa vida (...)." IND 3 (Feminino), isto é, em que aquele que o constrói é o único responsável pelas conseqüências da sua própria escolha;

- **2. Um labirinto é a tua vida** Ex: "Eu acho que não somos nós que construímos o nosso labirinto mas sim, nós percorremos um labirinto na nossa vida, que é por exemplo: estamos a fazer um teste e quando estamos a fazer um teste é como se chegássemos a uma parte do labirinto que tem vários caminhos: o caminho de te esforçaste para fazer o teste, o caminho de não te esforçares porque não queres fazer o teste ou até mesmo copiar, e tu escolhes um, e depois a partir do outro poderás ter mais, que terá conseqüências e eu acho que os caminhos são escuros porque não saberás o que lá vai estar se fizeres isso. Por exemplo: se escolheres copiar, poderás ser apanhado; se escolheres esforçar-te pouco, poderás ter má nota; se decidires fazer nada terás a pior nota possível porque não fizeste o teste e se esforçares-te muito, poderás vir a ter um teste bom. Por isso, a vida não és tu a construíres o teu labirinto mas sim um labirinto é a tua vida." IND 8 (Masculino).

Mas a questão exige que se observe o **Caminho que é a Obra**, e assim, reconhecesse um *caminho* sujeito a escolhas limitadas, que observa a natureza do espaço que envolve a obra e que lhe é intrínseco - a *obscuridade*. A qualidade labiríntica do *caminho* torna-se susceptível à *escolha* que se adivinha apenas através dos *limites (flores luminosas)* porque os *caminhos*, sejam eles quais forem, permanecem sempre no escuro Ex: "São escuros porque nós não sabemos bem o futuro, não é?" IND 3 (Feminino). Os *caminhos da obra* resolvem, por analogia, a vida no seu **Futuro**, isto é, o *futuro* comunga dessa qualidade *obscura* e *assustadora*, está sujeito às *escolhas* e a leis obscuras da *probabilidade*. Nesse possível **Futuro**, tal como no *habitar* o *Jardim do Éden (Labirinto)*: "Sim, só escolhes os caminhos!" IND 8 (Masculino).

No momento em que a **Discussão** deu lugar a esta questão verificou-se que os tons de voz aquietaram-se, que as inscrições sucederam-se com muita naturalidade e que a generalidade das crianças-participantes manteve comportamentos atentos e integrados no contexto criado. A necessidade de mediação por parte dos facilitadores (CONV1 e INV) surge apenas como garante do sentido aguçado das intervenções que naturalmente se integravam num evidente conteúdo abstracto.

## REGISTO DE CONTROLO

O necessário ajustamento do modelo de Lipman, a sua transferência para outro discurso associado à leitura e interpretação de Obras de Arte, obriga a que haja, desde o início do trabalho de campo, a preocupação de assegurar a qualidade e rigor dos procedimentos.

O R7A debruçou-se sobre o possível discurso e discussão em torno de uma obra da artista plástica Joana Vasconcelos, *Jardim do Éden (Labirinto)*, (2010), em exposição temporária no CCB em Março de 2010.

A Sessão foi realizada num contexto público (CCB), procedendo ao percurso necessário e integrador da principal questão desta investigação.

Assim, a Sessão realizou-se segundo os pressupostos principais definidos por Matthew Lipman para Filosofia com Crianças e promoveu a experiência fundamental para um melhor entendimento de um discurso, que se previa manifestamente estético.

## ANÁLISE DA OBRA E ENQUADRAMENTO NO ESPAÇO

**Sessão:** 7ª Sessão: Joana Vasconcelos, *Jardim do Éden (Labirinto)*, (2010)

**Exposição:** *Sem Rede*

**Data:** 24 Março de 2010

**Local:** CCB (Lisboa)

**Horas:** 14:30h às 16:00h (Visita prévia a toda a seguida de 2ª visita para efectivar Sessão de Filosofia)

<b>Critérios metodológicos</b>	<b>Relevância</b>	Para critérios metodológicos manteve-se a <b>abordagem dedutiva</b> dos fenómenos observados tendo estes sido fortemente conduzidos pela teoria e pela questão de investigação.
	<b>Enquadramento temático</b>	As crianças-participantes não revelaram qualquer dificuldade em desenvolver a interpretação e contextualização da obra seleccionada.
	<b>Referências anteriores</b>	Com visita anterior à exposição.
<b>Leitura da Obra</b>	<b>Características formais</b>	Obedeceu ao protocolo associado ao da Filosofia com Crianças (à excepção da integração da Obra de Arte)
	<b>Interpretação da Obra</b>	Verificou-se adaptação imediata dos seus discursos e comportamentos em relação à obra em discussão. A intervenção dos facilitadores foi consistente e em parceria durante toda a sessão.
<b>Espaço museológico</b>	<b>Localização</b>	CBB (Lisboa), ao qual acedemos a pé.
	<b>Leitura/percepção</b>	Foi considerado: que as crianças-participantes percorressem livremente a exposição em visita anterior. A preparação da sessão incluiu leitura prévia de histórias seleccionadas dentro da temática visada (labirinto). No dia da sessão percorreram a exposição visando a obra em referência, ou seja, a sala onde estava a <i>instalação Jardim do Éden (Labirinto)</i> ; a disposição física dos participantes ficou sujeita à disponibilidade oferecida pela própria sala pelo que as crianças-participantes estiveram sempre em presença com a obra.
	<b>Integração na exposição</b>	A percepção da obra exigiu uma visita prévia (de modo a acalmar curiosidade natural e possíveis desvios para outros interesses mais pessoais). A obra estava inserida numa única sala tendo essa mesma sala sido experimentada e percebida como um todo integral da obra.

Obs:

As crianças-participantes revelaram-se motivadas mas algo condicionadas pelo ruído (próprio de um espaço público) e pela impossibilidade de se dirigirem à obra para exemplificação (fenómeno que já haviam integrado na sua prática de argumentação estética).

Quadro 2 – Avaliação da obra e enquadramento no espaço  
(Descrição)

## AVALIAÇÃO DA SESSÃO

**Sessão:** 7ª Sessão: Joana Vasconcelos, *Jardim do Éden (Labirinto)*, (2010)

**Exposição:** *Sem Rede*

**Data:** 24 Março de 2010

**Local:** CCB (Lisboa)

**Horas:** 14:30h às 16:00h (Visita prévia a toda a seguida de 2ª visita para efectivar Sessão de Filosofia)

**Participantes:** IND 1; IND 2; IND 3; IND 4; IND 5; IND 6; IND 7; IND 8; IND 9; IND 10; IND 11; CONV1; INV

ENTRADA NO CAMPO		
Declarações	Individuais	Participação da maioria à excepção de 1 elemento (IND 2), participação escassa ou diminuta de 2 elementos (IND 9 e IND 11); participações individuais foram maioritariamente respeitadoras e integradas nos objectivos esperados. Registos de algum alheamento.
	Grupo	Intervenções iniciais procuram associar-se à obra em presença. (Figural). Intervenções iniciam-se com forte associação à percepção e contextualização dos elementos constituintes da obra; forte abertura para discursos com estruturação narrativa; construção em conjunto de narrativas hipotéticas.
	Professor	Intervenção apenas para instigação de argumentações assertivas e algumas com referência a questões comportamentais.
	Investigadora	As suas intervenções integraram-se em parceria com as intervenções do CONV1.
	Outros	-
Comportamentos	Individuais	Inscrição na discussão através do “dedo no ar”; comportamentos de atenção, entusiasmo. Alguns registos de alheamento aparente e efectivo.
	Grupo	Comportamentos de atenção e de alheamento; cumprimento das regras da discussão.
	Professor	Partilhou a moderação com a investigadora.
	Investigadora	Comportamentos associados à organização do equipamento; registo da sessão; participação na moderação.
	Outros	-
<p>Obs. As primeiras intervenções foram completamente focadas na experimentação física da obra e na percepção visual da mesma. No final da sessão argumentos ganham uma concepção abstracta que associa conceito geral de vida com vínculo directo à vivência e interpretação da obra.</p>		

Quadro 3 – Avaliação da entrada no campo  
(Descrição)

<b>DISCUSSÃO</b>				
Obras de arte	Tempo de leitura	33 segundos		
	Comport. Físico	No 1º momento as crianças-participantes fizeram uma experimentação directa da obra.		
	Comport. Relacional	Comportamentos de empatia e complementaridade discursiva; alguns registos de conversas cruzadas.		
	Relevância	Obra	Obra seleccionada revelou-se estimulante à percepção visual e vivencial (experimentação).	
		Temáticas	Constituição de um leque de interesses focados e articulados à percepção e experimentação da obra como a abordagens hipotéticas de conteúdo abstracto.	
		Discussão	Registo de 3 momentos: “leitura” das obras; constituição da Agenda de discussão; Discussão.	
Investigação		As intervenções possibilitaram patentear fases da discussão; tipologias do carácter argumentativo (antropomórfico; empirista; intuitiva; analítica e céptica); comportamentos e argumentos muito relacionados com a obra e concepções que alargam o seu âmbito.		
A. Discussão	Grau de participação	Participação contextualizada		
	Relevância	Temática	Participação alargada com a formulação de 5 questões que apresentaram as possíveis relações de natureza perceptiva; narrativas de contextualização da obra; conclusões conceptuais de grande interesse.	
		Discussão	As 5 questões da Agenda da Discussão formaram o carácter inicial da Discussão que facilmente se deslocou para uma argumentação conceptual. Intervenções ricas em elementos de sustentabilização das várias análises de conteúdo. Participação de quase todos os elementos, com reduzida necessidade de moderação.	
Discussão	Dinâmica	Grupo	Comportamentos em cumprimento das regras da discussão; intervenções integradas no assunto em discussão. Adaptação à dinâmica de grupo na discussão. Alguns elementos com registo de alheamento aparente e efectivo.	
		Indivíduos	Todas as crianças-participantes participaram na Sessão, à excepção de uma.	
		Professor	Moderação empática e em parceria com a INV.	
		Investigadora	Intervenção com maior sensibilidade à dinâmica do grupo e integrada na parceria com o CONV	
	Acções	Interrupções acidentais	Não se verificaram	
		Interrupções provocadas	Verificaram-se	
		Comportamentos físicos	Aproximação à obra restringida.	
	Argumentações	Narrativas	Estruturadas segundo distinções perceptivas; validaram e alargaram áreas temáticas.	
		Argumentativas	Verificaram-se	
		Normativas	Não se verificaram	
		Estruturalistas	Não se verificaram	
		Jocosas	Não se verificaram	

Quadro 4 – Avaliação da Discussão  
(Descrição)

<b>OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE</b>		
Comportamentos	Flexibilidade	Verificou-se
	Objectividade	Preocupação com a partilha da moderação
	Empatia	Verificou-se
	Indução/Persuasão	Não se verificou
	Integração no grupo	Boa integração no grupo.
	Avaliação do grupo	Empático, boa disposição, participações constantes e interessadas que contrastaram com outras de alheamento.
Moderação	Direcção formal (limitada à Agenda)	Não se verificou
	Condução temática (introduz outras questões)	Verificou-se apenas por ajustamento aos conteúdos temáticos em Discussão.
	Orientação da dinâmica	Necessidade de gestão das inscrições na discussão; as crianças-participantes abstraem com facilidade necessidade de moderação.
Preparação da sessão	Adequação da obra	A relação da obra e com o espaço da exposição foi um elemento considerado e essencial à sessão neste formato.
	Adequação ao grupo	Verificou-se uma aceitação motivada na integração dos pressupostos da sessão com a obra seleccionada. Apesar de registos de alheamento por parte de alguns elementos, considera-se a obra adequada a todos os elementos do grupo.
	Adequação à discussão	Adequada e incitadora da discussão
	Benefícios	Abordagem espontânea ao espaço e à obra em referência para a discussão e de integração conceptual alargada (histórias e próxima sessão).
	Dificuldades encontradas	Parca adequação do espaço ao registo da sessão.
<p>Obs. Observar alteração de comportamentos nas crianças-participantes que participaram pouco e das que não participaram.</p>		

Quadro 5 – Avaliação da observação participante  
(Descrição)

### AValiação DA CONSTRUÇÃO DE TEORIAS ENRAIZADAS<sup>3</sup>

1	Os critérios foram concebidos?	Crítérios de análise foram consolidados na organização interna da Discussão (ver Conclusão)
2	Os conceitos estão sistematicamente relacionados?	Os conceitos foram sistematicamente relacionados ao longo de todo este Relatório; verificaram-se alterações na apresentação dos dados exclusão de análise de vídeo.
3	Há muitas ligações conceptuais e as categorias estão bem elaboradas? As categorias têm densidade conceptual?	As ligações conceptuais foram devidamente sustentadas bem como a elaboração das categorias, apresentam densidade conceptual e estrutura sensível, alargada e complexa.
4	Há muita variedade introduzida na teoria?	Considerou-se uma delineação mais concentrada da teoria (redução de categorias). Inclusão de categorização por valorização. Associação da percepção à conceptualização generalizada de cariz abstracto.
5	As condições mais amplas que afectam o fenómeno estudado são contempladas na explicação?	Confirma-se, o fenómeno é amplamente confirmado e contextualizado na sua explicação.
6	O “processo” foi tido em linha de conta?	Sim, o processo bem como a natureza específica desta sessão conduziram a alterações efectuadas no protocolo.
7	Os resultados teóricos parecem significativos? Em que medida?  O que reflectem? <ul style="list-style-type: none"> <li>➤ “o ponto de vista do sujeito”;</li> <li>➤ Descrição dos ambientes;</li> <li>➤ Interesse na produção da ordem social</li> <li>➤ Reconstituição das “estruturas de profundidade, geradoras da acção e do significado”?</li> </ul>	Sim, na medida em que se verificou a firmiação na organização interna da Discussão s; verificaram-se alterações na percepção, experimentação e interpretação da obra em relação a uma conceptualização mais alargada e notoriamente focada na experiência estética.  Mais congruência na concepção das argumentações; Adaptabilidade e controlo do ambiente; Dinâmicas comportamentais e dialécticas consolidadas; Dinâmicas comportamentais e dialécticas consolidadas na percepção e alargamento dos conceitos elaborados a uma dialéctica abstracta, integrada e integradora, e ainda, na organização interna da Discussão

Quadro 6 – Avaliação da construção de teorias enraizadas

<sup>3</sup> Critérios elaborados por Corbin e Strauss (Flick, 2005, pág. 237)

## AVALIAÇÃO DO PROCESSO DE PESQUISA<sup>4</sup>

1	<p>Como foi constituído o grupo original? Com que base (selecção de grupo)?</p>	<p>O grupo enquadra-se no conceito de grupo focalizado (amostra teórica). Para esta sessão, foi constituído um grupo de 10 crianças-participantes (3 Femininos e 7 Masculinos) e 2 adultos (1 Feminina e 1 Masculino)</p>
2	<p>Que categorias principais emergiram?</p>	<p>Agenda da discussão, Discussão (categorias de cariz experimental e conceptual)</p>
3	<p>Quais foram os acontecimentos, incidentes, acções etc., que serviram de indicadores para aquelas categorias?</p>	<p>Dinâmicas comportamentais e dialécticas consolidadas na percepção e alargamento dos conceitos elaborados a uma dialéctica abstracta</p>
4	<p>Que categorias serviram de base ao prosseguimento da amostragem teórica, ou seja, como é que as formulações teóricas guiaram parte da colecta de dados?  Depois de efectuada a amostragem teórica, que representatividade provaram ter estas categorias?</p>	<p>Prática inscrita na Filosofia com Crianças desde os 3 anos de idade; adaptabilidade ao protocolo proposto, perfeita integração no panorama pedagógico-científico da Cooperativa de Ensino a Torre.  Revelaram a consolidação das teorias reveladas nas sessões anteriores.</p>
5	<p>Quais foram as hipóteses centrais acerca das relações entre as categorias?  Em que bases foram formuladas e testadas?</p>	<p>Hipóteses centralizaram-se na continuidade conceptual apresentada nas intervenções, na dinâmica revelada pela própria discussão e na relação comportamental.  Formuladas e estudadas a partir dos pressupostos metodológicos da <i>grounded theory</i>.</p>
6	<p>Houve casos em que as hipóteses não se mantiveram, face ao realmente observado?  Como foram explicadas as discrepâncias?  Como foram efectuadas as hipóteses?</p>	<p>As hipóteses suscitadas pelas sessões anteriores foram consolidadas e alargaram o seu espectro conceptual  Não se verificaram  Observação mais incisiva no fenómeno da relação percepção/experimentação da obra consolidada pela interpretação e alargada à dialéctica</p>
7	<p>Como e porquê foi escolhida a categoria nuclear?  A selecção foi repentina ou gradual, fácil ou difícil?  Em que bases foram tratadas as decisões da análise final?  Como apareceram nessas decisões os critérios “vasto poder explicativo” e “relevância” em relação ao fenómeno estudado?</p>	<p>Pela escolha do objecto em referência e pela natureza da Discussão realizada.  A análise foi gradual e facilitada pela adaptabilidade do grupo.  A análise final obriga à confrontação teórica dos vários relatórios formulados.  O seu poder explicativo reflecte-se apenas no fenómeno em análise e registado neste relatório, pelo que o critério de “vasto” apenas se verificará com o confronto teórico revelado por todos os relatórios. A relevância do fenómeno revela-se na consolidação da relação percepção/experimentação da obra consolidada pela interpretação e alargada à dialéctica e da organização interna da Discussão.</p>

Quadro 7 – Avaliação do processo de pesquisa

<sup>4</sup> Critérios elaborados por Corbin e Strauss (Flick, 2005, pág. 236)